



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO  
SEMIÁRIDO

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EMERSON NECO DE SOUSA SILVA

**A PRESENÇA DOS JOVENS NAS IGREJAS CRISTÃS  
E A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA  
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO SOCIAL**

**SUMÉ – PB**

**2013**

**EMERSON NECO DE SOUSA SILVA**

**A PRESENÇA DOS JOVENS NAS IGREJAS  
CRISTÃS E A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA  
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO SOCIAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais do  
Centro de Desenvolvimento Sustentável  
do Semiárido da Universidade Federal  
de Campina Grande, como requisito ao  
título de licenciado em Ciências Sociais,  
sob orientação da prof<sup>a</sup> Ms. Sheylla de  
Kassia Silva Galvão.**

**SUMÉ – PB**

**2013**

S586p Silva, Emerson Neco de Sousa.

A presença dos jovens nas igrejas cristãs e a contribuição da religião na formação do indivíduo social. / Emerson Neco de Sousa Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

68 f.: gr.

Orientadora: Profa. Ms. Sheylla de Kassia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Religião. 2. Igreja. 3. Jovens. 4. Juventude. I. Título.

UFCG/BS

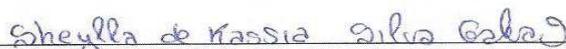
CDU: 316:2(043.3)

**EMERSON NECO DE SOUSA SILVA**

**A PRESENÇA DOS JOVENS NAS IGREJAS  
CRISTÃS E A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO NA  
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO SOCIAL**

**APROVADO EM 25/09/2013**

**COMISSÃO EXAMINADORA**



Prof. M.a. Sheylla de Kassia Silva Galvão  
(Orientadora – CDSA/UFCG)



Prof. M.a. Júnia Marússia Trigueiro de Lima  
(Examinadora – CDSA/UFCG)



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos  
(Examinador – CDSA/UFCG)

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Margareth e Edivarço, pelo apoio que sempre me deram, pelo empenho deles em me educar e me ensinar as práticas do bem, fazendo-me acreditar que o estudo é o caminho certo para traçar uma vida honesta e íntegra e que o caráter é uma construção paulatina no qual temos os primeiros ensejos na família e ao longo do tempo nas diversas situações que Deus nos proporciona.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que é **Pai** Todo-Poderoso, que com seu amor criou todos nós, criaturas geradas do seu próprio amor, que através de seu Filho **Jesus Cristo** nos mostrou o caminho do céu, amando-nos a tal ponto de morrer por nós a fim de nos salvar do pecado, que pela ação do **Espírito Santo** nos santificou, mostrando-nos o verdadeiro amor do coração de Deus e me iluminou com a inteligência para realizar esse trabalho.

A minha amável Mãe do céu, a Virgem Santíssima a quem eu chamo carinhosamente de **Nossa Senhora da Conceição**, que nos principais momentos de minha vida intercedeu e intercede por mim a Deus, atendendo todas as minhas necessidades que no mais íntimo do meu íntimo pedi com fé e devoção.

Aos meus **familiares, pais e irmãos**, a quem devo parte do que tenho e do que sou, agradeço pelo apoio e pelo amor recebido de vocês que sem dúvida é o que me edifica.

A minha orientadora **Sheylla Galvão**, pela oportunidade e disponibilidade para comigo, acreditando sempre em meu potencial incentivando e apoiando-me na construção desse trabalho.

Aos **professores** do CDSA/UFCG, todos aqueles que me instruíram nos estudos acadêmicos e sempre se mostraram disponíveis ao meu aprendizado.

Aos **funcionários** do CDSA/UFCG que sempre com gentileza se disponibilizaram com seus serviços para o nosso bem estar.

Aos **alunos** da Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz, que se dispuseram a me ajudar na pesquisa que compõe esse trabalho.

Em fim, aos **amigos** de caminhada, os que eu conheci e me afeiçoei desde o primeiro período desse curso, onde juntos partilhamos as alegrias e dificuldades de uma vida acadêmica, como aos demais amigos que direto ou indiretamente me auxiliaram com a fortaleza das vossas amizades, a todos muito obrigado.

“... Não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana.” (DURKHEIM, 2003)

## RESUMO

SILVA, Emerson Neco de Sousa. **A presença dos jovens nas igrejas cristãs e a contribuição da religião na formação do indivíduo social.** Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais. UFCG/CDSA. Sumé – PB, 2013.

O presente trabalho aborda a visão sociológica da presença dos jovens nas igrejas cristãs e a contribuição que a religião fornece a esse público, tendo como população analisada os jovens da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz da cidade de Sumé – PB. O desenvolvimento dessa pesquisa aconteceu a partir de pesquisas bibliográficas sobre o tema religião e juventude, em conjunto dos dados da pesquisa de campo realizada com os estudantes da instituição acima citada, na qual teve como objetivo identificar elementos comprobatórios nos quais a religião auxilia os jovens quanto construção do indivíduo social. Complementa o corpo metodológico desse estudo a análise do tipo exploratória com abordagem qualitativa, através de técnicas de análise de discurso do sujeito coletivo auxiliado por instrumentos em forma de questionário. Foi escolhida uma pequena amostra dos três anos do Ensino Médio somando o número de 28 participantes da pesquisa, questionados por 16 perguntas entre elas objetivas e abertas. O estudo também aborda a problemática sobre o grau de participação dos jovens nos cultos cristãos (católico, evangélico) e a atuação em movimentos religiosos ou pastorais, evidenciando-se a importância da religião nos relatos dos participantes, percebendo uma baixa frequência deles nas ações religiosas, e uma pouca adesão às pastorais e movimentos religiosos, mas uma consciência de que a religião pode mudar o cotidiano dos que dela fazem parte.

DESCRITORES: Religião, Igreja, Jovens e Juventude.

## ABSTRACT

SILVA, Emerson Neco de Sousa. **The presence of young people in Christian churches and the contribution of religion in the formation of social individual.** Conclusion work of the course of Licentiate in Social Sciences. UFCG/CDSA. Sumé – PB, 2013.

The present work brings the sociological view of the presence of young people in Christian churches and the contribution that religion provides to this public, having as analyzed population the youth of the State School of Elementary and Secondary Education Professor José Gonçalves de Queiroz of the city Sumé - PB. The development of this research came from bibliographic researches about the topic religion and youth, together with the data from field research conducted with students of the mentioned institution, which had as objective to identify corroborative elements where the religion helps the young people in the construction the social individual. Complements the methodological body of this study, the exploratory analyze with qualitative approach, trough analyze techniques of speech of the collective subject helped for instruments in questionnaire form. Was chosen a small sample of the three years of Secondary School totalizing the number of 28 participants of the research, 16 questions asked including objectives and open. The study also addresses the problematic about the participation level of young people in Christian cults (catholic, evangelic) and the interaction in religious movements or pastorals, demonstrating the importance of religion in the reports of the participants, realizing a low frequency of them in religious actions, and a small adhesion to the pastorals and religious movements, but a awareness that religion can change the everyday of those who make part of it.

**KEYWORDS:** Religion, Church, Young People and Youth.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Idade – CDSA/UFCG 2013 .....	34
Gráfico 02 – Sexo – CDSA/UFCG 2013 .....	36
Gráfico 03 – Séries do Ensino Médio – CDSA/UFCG 2013 .....	37
Gráfico 04 – Pertença religiosa – CDSA/UFCG 2013 .....	38
Gráfico 05 – Frequência que vão à igreja – CDSA/UFCG 2013 .....	40
Gráfico 06 - Com quem costuma ir à igreja - CDSA/UFCG 2013 .....	41
Gráfico 07 – Frequência das orações – CDSA/UFCG 2013 .....	43
Gráfico 08 – Comprometimento com alguma ação pastoral na igreja - CDSA/UFCG 2013 .....	45
Gráfico 09 – Vantagens que a religião proporciona – CDSA/UFCG 2013 .....	47
Gráfico 10 – Se as pessoas que participam dos cultos religiosos são bem vistos na sociedade – CDSA/UFCG 2013 .....	49
Gráfico 11 – Se a religião influi em uma futura profissão – CDSA/UFCG 2013 .....	50
Gráfico 12 – Ações na igreja que debatem sobre drogas, sexualidade, direito a saúde e moradia, preservação do meio ambiente – CDSA/UFCG 2013 .....	51
Gráfico 13 – Grau de satisfação nas igrejas - CDSA/UFCG 2013 .....	53
Gráfico 14 – Pensamentos em mudança de religião – CDSA/UFGC 2013 .....	56

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. A RELIGIÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL .....</b>	<b>13</b>
<b>3. JOVENS, MODERNIDADE E RELIGIÃO .....</b>	<b>21</b>
3.1 CONCEITOS SOBRE JUVENTUDE .....	24
3.2 A JUVENTUDE SEGUNDO O PARADIGMA CULTURAL .....	25
3.3 OS GRUPOS DE JOVENS E A SUA RELEVÂNCIA .....	27
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>29</b>
4.1 TIPO DE ESTUDO .....	29
4.2 LOCAL DE ESTUDO .....	30
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	30
4.4 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS .....	31
4.5 TRATAMENTO DOS DADOS .....	31
4.6 POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA .....	32
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>33</b>
5.1 A CONCEPÇÃO DE RELIGIÃO DOS JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ .....	33
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE B – Questionário para coleta de dados .....</b>	<b>67</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O povo brasileiro tem como forte identidade a religiosidade e crenças que se entrelaçam com suas experiências pessoais, responsabilizando os acontecimentos sagrados pelo bom êxito de atividades humanas, ou como castigo divino, feitos que contradigam a essência de Deus.

Entretanto, é próprio da cultura criar dogmas ou verdades pessoais que ajudem a lidar com os acontecimentos da vida, os dogmas seriam “verdades utópicas” com a função de dar ânimo na busca de melhores condições de vida. Dessa forma, a religião se articula como suporte às ações do cotidiano, segundo o relato de alguns indivíduos que compõe essa pesquisa, a religião pode sim, ser emancipadora, em determinadas situações do campo social.

O tema que iremos tratar é a respeito da *juventude e religião*, buscando o entendimento de como o comportamento dos jovens compromete toda a sociedade, e sobremaneira, como eles buscam respostas para o mundo na religião. Portanto, é nesse embate que pretendemos mostrar, ou melhor, detectar o grau de influência da religião sobre os jovens, buscando analisar como essas duas forças tão distintas se comunicam entre si, como se o novo e o velho ganhassem resignificação mútua na medida em que ambos atuam numa mesma instância.

No entanto, é embasado em teóricos clássicos (dentre eles Durkheim, onde estaremos nos remetendo em muitos momentos) e contemporâneos (como por exemplo Regina Novaes) que iremos desenvolver o debate, a fim de auxiliar a nossa pesquisa como referencial teórico no tratamento dos dados apresentados. O interesse pela temática em tela partiu da preocupação em refletir e compreender cientificamente o fenômeno religioso ocorrente entre os jovens, e o impulso que eles sentem na modernidade em participar de ações religiosas que leva-os a aderir a algum evento litúrgico

Com o propósito de alcançarmos uma melhor compreensão, num primeiro momento abordaremos separadamente a problemática sobre religião e depois juventude. No primeiro tema, será exposta a visão de religião de alguns autores relevantes ao tema, buscando apontá-la como uma forma de contribuição social, mostrando os desafios do

estudo e analisando formas religiosas e o espaço que a religião exerce na modernidade e as conclusões quanto ao aumento ou diminuição do número de fiéis.

O aporte etimológico da palavra *religião* aparece como forma de embasar o debate entre os teóricos, enfocando o sentido sagrado das cerimônias e a implicação que elas oferecem na vida dos indivíduos, percebendo o território religioso como propenso para a execução de ações solidárias. Igualmente importante é o embate sobre individualismo e individualidade que a oração aponta, mostrando que a oração pessoal é necessária, mas que os frutos dela são colhidos na comunidade.

Diante do exposto, considera-se ser pertinente para as Ciências Sociais a elaboração e o desenvolvimento de trabalhos como este que contemplam a diversidade e as características congênicas do espaço religioso como diversidade sociocultural, produzidos a partir dos significados e valores reconhecidos pelo grupo, como é o caso das práticas religiosas na modernidade, explicitadas pela pertinência das igrejas em promover ações que envolvam a comunidade. Enfim, esse primeiro momento busca essa correlação tênue entre as Ciências Sociais e a religião, analisando as contribuições positivas para a ampliação do universo exploratório na área das Ciências Sociais, propiciando uma melhor compreensão das singularidades que o ambiente social oferece em relação aos jovens.

A segunda parte do trabalho fragmenta-se em quatro pontos principais, sendo que o primeiro oferece uma vista panorâmica sobre a juventude, elencando opiniões que estruturam a crítica ao tocante assunto, embasado em outras pesquisas realizadas com o mesmo público. No segundo ponto - *Conceitos sobre juventude* – a atenção recai sobre a teorização da juventude como fase da vida humana, auxiliado do uso epistemológico da palavra e dirigindo-se à delimitação da idade cronológica desses participantes. O ponto três - *A juventude segundo o paradigma cultural* – atualiza a juventude como consequência da cultura vigente, estudando diferentes momentos históricos a fim de entender as diversas características da fase juvenil. O último ponto desse estágio - *Os grupos de jovens e a sua relevância* – apresenta a importância do grupo de jovens e a implicação deles na construção da maturidade humana, esboçando o caráter do jovem como consequência da postura futura nas relações sociais.

Num único estágio, elencaremos a metodologia adotada na coleta, tratamento e posicionamento dos dados da pesquisa, explicitando a forma com que foram abordados e o modo com que foram usados, apresentado a postura exigida por se tratar de experiências com seres humanos.

No quarto estágio será abordado o tratamento dos resultados da pesquisa relatando e teorizando “A concepção de religião dos jovens da Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz” usando-se de gráficos para apresentar os resultados, sendo devidamente comentados como auxílio teórico sobre questões pertinentes que dispunha o questionário dessa pesquisa aplicado aos alunos. Sobremaneira, dos estágios elencados, esse é o que mais se atem ao objetivo desse trabalho, nele estão expressos os resultados fidedignos que nos foi possível aferir e tratar sob a ótica da crítica.

Por fim, trazemos nas considerações finais os resultados que o estudo proporcionou e os aspectos socioculturais a respeito da opinião dos jovens quanto a importância da religião para eles, trazendo algumas indagações relevantes quanto ao posicionamento das igrejas cristãs, como também sugestões remetidas na expectativa de novas pesquisas de cunho sociológico que contemplem novos aspectos tanto no campo da religião como no da juventude com a função de promover novas visões que caracterizem aspectos como esses na sociedade.

## 2. A RELIGIÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

O Senso 2010 realizado pelo IBGE (2012) constatou que 90% da população do município de Sumé, com aproximadamente 16 mil habitantes, tem como religião principal a católica. Esta estimativa mostra claramente que a religião no município tem uma grande porcentagem de aceitação pela população ou indica, previamente, que a auto-declaração da religião católica ainda é predominante entre os sumeenses. Por isso, esta pesquisa tornou-se pertinente no tocante assunto, já que na maioria dos municípios brasileiro esse diagnóstico se repete com considerável frequência, mas aqui traçamos um panorama de situações em que a religião contribui para o funcionamento da sociedade e na formação dos agentes sociais, nesse caso os jovens.

O estudo da religião é uma atividade desafiadora, que impõe demandas muito especiais à imaginação sociológica. Ao analisar práticas religiosas, temos que compreender as muitas crenças e rituais diferentes encontrados nas diversas culturas humanas. Devemos ser sensíveis aos ideais que inspiram uma convicção profunda dos fiéis, mas ao mesmo tempo buscar uma visão equilibrada sobre elas. (GIDDENS, 2012, p. 483)

Tendo a religião como uma forma de cultura, faze-se necessário reconhecermos a diversidade religiosa, as regras de cada uma, as crenças e seus dogmas, mas da mesma forma não podemos perder nosso foco e sempre estudarmos a religião como ela é, um “fenômeno geral”.

Durkheim (2003) realiza um estudo sobre o *Totemismo*, praticado por algumas sociedades aborígenes da Austrália, alegando essa ser a forma mais elementar da religião, mas que em si traz uma carga de significados, pois o *totem* é a ritualização, a identidade dessa civilização. O totem são os valores centrais, o símbolo do grupo, e, como afirma Durkheim, as religiões não são simplesmente questões de crença. Mas são atividades cerimoniais nas quais os fiéis se reúnem dando um sentido de solidariedade grupal que inicia-se dentro das reuniões cerimoniais e permeia toda a vivência na comunidade.

Entre tantas explicações etimológicas do termo religião, Rampazzo (1996) contribui conosco mostrando que o termo “religião” é extraído da palavra “religar” que vem a ser a ligação do homem com sua origem em direção as forças divinas da criação que o leva ao destino. Podemos então confluir que a:

etimologia de *religio* (...) significaria nó de palha: as religiões eram ‘nós de palha’. Precisamente os que serviam para fixar em si as traves de uma ponte. (...) Elas (as religiões), constituem entrelaçamentos resistentes e persistentes, a um só tempo mutáveis e com grande força de conexão: têm uma força social inigualável e ao mesmo tempo fazem apelo a uma realidade transcendente; incomensurável, com base na qual se tornam ‘construtores de pontes’. (TERRIN, 2003, p. 341)

Contudo, constatamos que os rituais, para o cristianismo, são de extrema importância para a união dos membros dos grupos. Ela é “a liga” da sociedade, onde claramente percebemos nas diversas fases da vida humana, seja no nascimento (cerimônia de batismo), na formação da família (matrimônio), e nos últimos instantes da vida e após ela (extrema unção e rito de exéquias) teremos sempre a religião permeando a vida na sociedade, pois “a essência da religião é a divisão do mundo em fenômenos sagrados e profanos” (ARON, 2008, p. 500)

A religião ocupa em várias sociedades um papel central ou muito importante na organização social, política e econômica, ao passo que se configura como instituição social e, portanto, exercendo controle social sobre os indivíduos. Em alguns casos, Estado e Religião se confundem e em outros, é a própria religião a fonte ou meio de enriquecimento econômico.

(...) Análises análogas às de Durkheim em *O Suicídio*, para determinar o seguinte fato: nas regiões da Alemanha onde coexistem os grupos religiosos, os protestantes, e especialmente os protestantes de certas Igrejas, possuem uma porcentagem desproporcional da riqueza e das posições econômicas mais importantes. Isso não demonstra que a variável religiosa determina o êxito econômico, mas coloca a questão de saber se as concepções religiosas não exerceriam uma certa influência sobre a orientação que os homens e os grupos dão à sua atividade. (ARON, 2008, p. 780-1)

As pesquisas de Durkheim (2003) deixam claro que a religião de forma alguma tem como objetivo enriquecer os homens, pois ela não garante bens mutáveis a seus fiéis. Ao invés disso, ela dissemina opiniões e orientações nas quais articulam o comportamento dos fiéis perante as práticas econômicas. Ao redor de sua ritualidade oficial percebemos manifestações culturais que envolvem crenças e situações econômicas que fazem parte do ensejo religioso. Por exemplo, no âmbito das festas populares de natureza religiosa são identificados diversos símbolos que são vivenciados e materializados nas localidades, contribuindo para o enriquecimento e permanência da religião na vida social dos indivíduos, e como bem afirma Rosendahl (1999, p. 74), “o aparecimento do fenômeno religioso reorganiza o lugar e, de certa forma, o poder

religioso redimensiona o econômico, o político e o social na vida.” Portanto, faz-se necessário aludir que os centros religiosos são pontos de encontro onde as pessoas buscam não apenas a divindade, mas a socialização que se apresenta nas esferas político-econômicas das práticas sociais.

A concepção weberiana de religião, além de enfatizar o divino, enfatiza o caráter associativo desse empreendimento da salvação, por isso com o nascimento da comunidade evidencia-se o aspecto cotidiano das ações comunitárias, assegurado pela continuidade dos atos, garantindo por sua vez, a existência econômica da religião, pois o tipo de ações racionais derivado de tais grupos, tratando-se de valores, não podia ser desligada da natureza econômica própria de toda ação social.

É fato que a religião ao longo do tempo vem se resignificando, no ponto de vista de Durkheim, na Modernidade, a religião tradicional vem diminuindo, mas, ela jamais se extinguirá, pois mesmo as sociedades modernas com o seu alto grau de progresso dependem dos rituais que reafirmem seus valores para manter sua coesão, e são os movimentos, os encontros, as pastorais e até mesmo os festejos religiosos que dão o sentido social da religião, influenciando tanto os indivíduos quanto a coletividade.

Para alguns sociólogos, como Giddens (2012), a religião se confronta com outros costumes proporcionados pela secularização na tentativa de ganhar espaço com as novidades da atualidade como os grandes mercados de consumo (shoppings) que nas grandes metrópoles lotam mais do que templos nos finais de semana. Por isso, constatamos que

O debate sobre a tese da secularização é uma das áreas mais complexas da sociologia da religião. Nos termos mais básicos, existe um desacordo entre os defensores da tese – que concordam com os fundadores da sociologia e consideram que a religião tem perdido o poder e a importância no mundo moderno – e os oponentes do conceito, que argumentam que a religião continua sendo uma força significativa, embora muitas vezes, de formas novas e desconhecidas. (GIDDENS, 2012, p.496)

Após esse esclarecimento, não seria lícito afirmar que a crença religiosa diminuiu ao longo do tempo, mas sim que a secularização proporcionou um leque de novas interpretações que são as igrejas e seitas de outras denominações. Quem trata desta situação é Carneiro (1998), mencionando o campo religioso brasileiro como forma de variação religiosa no campo social:

Existe hoje no campo religioso brasileiro as mais diversas tendências para a experiência religiosa, não havendo predomínio de uma sobre a outra. Elas coexistem dentro de vastos “mercado de bens simbólicos religiosos”. A coexistência de diversas tradições, ligadas à concepção cristã com suas diferentes divisões – catolicismo, protestantismo, ortodoxo, com particularidades de igrejas, correntes, seitas; a concepção espírita-kardecista, diferentes cultos afro-brasileiros – candomblé, umbanda, etc.; o agnosticismo, o materialismo, etc. evidencia um quadro de definição e fragmentação extremamente complexo no universo de representações e valores. (CARNEIRO, 1998, p. 13)

Por esse mesmo motivo, a teoria da secularização é bastante contestada por alguns sociólogos. Segundo Giddens (2012), não podemos projetar os efeitos atuais em abstrações futuras, pois não poderíamos relatar nenhuma evidência empírica legítima que pudéssemos comprovar.

Weber (2000) articula a ideia de que no mundo dos desencontros, dos problemas sociais causados pela dominação e diferenças sociais, o indivíduo, a fim de fugir desses problemas, procura na religião o auxílio necessário para viver uma vida ponderada, buscando na religião uma forma de vida, embora econômica, consciente de sua contribuição nas ações comunitárias.

O advento da sociedade moderna de modo algum significa o fim da religiosidade. É bem possível considerarmos que os caminhos na modernidade seja exatamente o oposto, ou seja, pode ser que nos dias de hoje haja uma explosão religiosa ainda maior que a anterior, pois ainda é a religião quem trabalha com a subjetividade das coisas, e por mais que a sociedade secular dê ênfase ao racionalismo científico, ela tem a concepção que nem tudo se explica no plano material. A secularização para Habermas apud Araújo (1996) não é sinônimo de ateísmo e sim uma evolução interna da própria religião, que resulta na superação gradual da relação coletiva com a transcendência e não da fé enquanto tal.

Weber (2000, p. 191) alega que “a ética religiosa se ajustou de diferentes maneiras à situação fundamental que faz com que nos situemos em regimes de vida diferentes, subordinados a leis igualmente diversas.” A religião como a sociedade moderna procura uma forma de adequação na intenção de preservar seus valores institucionais para que não entrem em extinção, pois entre as formas de interferência no cerne da realidade religiosa destaca-se a sua atuação na esfera social ao possibilitar o fortalecimento das relações e da convivência social entre os indivíduos, que mesmo

sendo de religiões distintas comungam da mesma sensação de pertença social, pelo fato de, no meio da coletividade buscam os mesmos favores divinos.

Weber, então, estuda a religião buscando compreender a sua interconexão com outros fenômenos. Nele, a religião é o ponto de partida para a construção de estudos, ou seja, é através das experiências protestantes que ele encontra subsídios para compor um estudo central a respeito do tema tratado, e de modo algum ele pretende classificar a religião como apenas uma teoria da modernidade, mas como um aparelho fundamental no estabelecimento da Sociologia.

Na perspectiva weberiana a ação social é entendida como expectativa em relação à ação dos outros. Logo, evidenciamos que seu interesse não era de estudar a essência da religião, mas a ação religiosa orientada em direção ao mundo. Então, em seu trabalho “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (2000), Weber logrou mostrar como o trabalho para a glória de Deus tem consequências para a vida social dos indivíduos envolvidos, já que o entendimento que ele tem sobre relações sociais é a partir de comportamentos orientados nos seus significados para a dependência mútua, compreendidos em atitudes e formas de conduta e não preso apenas às crenças formais religiosas. Sendo assim, para Weber a religião deve surtir efeitos, ela deve influenciar na vida social de seus participantes, seja por meio de suas ações pastorais, ou pelos trabalhos de evangelização referente a cada religião, e em particular as religiões cristãs.

A religião é o meio que o indivíduo encontrou para obter suas experiências mais profundas. Bem sabemos que ela é em sua maioria compreendida através de aspectos coletivos. Ao mesmo tempo que o indivíduo encara num primeiro passo a sua individualidade com Deus, ele compartilha e transmite suas experiências socialmente, repousando assim, uma das principais características da Religião a **Ora + Ação**. Quem melhor elucida essa ideia é Hans Küng (*apud* Libânio, 2002, p. 55), ao explicar que a “tradição e comunidade são dimensões básicas para todas as grandes religiões.” É praticamente impossível pensar em religião sem passar pela dimensão comunitária, mas que é necessário para religião passar pela dimensão individual que ao mesmo tempo faz contraste com o mundo contemporâneo que está fundamentado, não na individualidade, mas sim, no individualismo.

Por mais que a fé tenha essa característica austera, não se pode pensar fé de maneira individual, pois é a fé de cada um que anima, alimenta a vida na comunidade religiosa. Ainda de acordo com Häring (1960, p. 21), “a vivência religiosa tira o ser humano da monotonia da massa e do anonimato da vida corrente”, ela interliga as responsabilidades mútuas dos participantes, dando a cada um a incumbência de ajudar o outro na caminhada terrena. (...) “seja ou não capaz de o exprimir, que o seu eu próprio está ligado ao tu divino, e que ele se torna ele mesmo plenamente enquanto estabelece comunicação com o Deus vivo” (Häring, 1960, p. 21). Pessoa e comunidade necessitam uma da outra como duas metades que fazem parte apenas de uma única essência que é Deus.

Na visão de Durkheim, “religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem.” (DURKHEIM, 2003, p. 79).

A religião é algo intrínseco do homem. Sem ela, o indivíduo fica incompleto, a ideia de religião para Durkheim é inseparável da concepção de igreja. É na igreja que se encontra a comunidade, ela não é um lugar de confrarias, dos padres e pastores, e sim da *comunidade moral*, onde se reúnem todos os crentes que professam uma só fé. Na igreja acomoda-se o lugar das reuniões, a convocação para viver na coletividade.

Consequentemente, a vivência religiosa cria em sua essência a comunidade, que, por conseguinte, os cristãos veem na Santíssima Trindade a primeira e perfeita forma de comunidade. Nela se prefigura toda forma de comunidade, que não se limita apenas ao religioso, mas, por exemplo, na comunidade em quanto família, comunidade tribal, na comunidade de amizade, na nacional e até mesmo mundial.

A religião como dimensão comunitária pode transforma-se em sua maior força de persuasão diante do individualismo. O Papa João Paulo II, em sua obra “A vida fraterna em Comunidade” nos diz que “a comunidade se torna uma ‘*Schola Amoris*’ (escola de amor) para jovens e adultos, uma escola onde se aprende a amar a Deus, a amar os irmãos e com quem se vive, a amar a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna.” (1994 p. 40-1)

Assim como afirmou o Papa João Paulo II, a comunidade é a “escola de amor”, entendemos na religião que o amor é a grande força que move o homem em suas ações como a promoção da paz, da solidariedade, da justiça e do serviço ao próximo. Esses não são valores exclusivos da religião, eles de alguma forma também se encontram na sociedade, mas é no seio da religião que eles estão inseridos com maior destaque, pois sendo estas características de toda comunidade, a religião de modo algum não pode ser a soma de indivíduos egocêntricos preocupados apenas com seus pares, mas com toda a sociedade. É necessário aqui descrever a epistemologia da palavra ‘comunidade’, pois só assim entenderemos o que até agora tentamos demonstrar quanto aos seus valores coletivo.

A palavra “comunidade” nasce da raiz grega *Koinonia*, que por sua vez entende-se como:

‘associação’, ‘comunhão’, ‘comunidade’, ‘participação’. No mundo grego e helênico, *Koinonia* era um termo que significava a comunhão evidente e ininterrupta entre os deuses e os homens. *Koinonia* também significava a estreita união e laços fraternais entre os homens. *Koinonia*, portanto, virtualmente tem o sentido de ‘fraternidade’, e é expressão normal para a maneira de se constituir a vida social (SCHATTENMANN, 2000, p. 377).

Assim como o ser humano não pode viver isolado dos outros, por ser um ser social, a existência social é inevitavelmente uma atividade exteriorizante moldada pelo próprio homem, onde todos estão empenhados nessa grande associação. Sendo então a religião um aspecto da vida em comunidade no meio social, é válido lembrarmos que a religião exerce forte influência sobre a vida do ser humano e se alastra por toda a sociedade.

Ainda importante é refletirmos como a religião contribui na formação dos agentes sociais e como o perfil desses agentes provoca um vislumbre na sociedade secular, constatando assim que a identidade religiosa reflete no mundo a esperança de ainda vivermos numa sociedade fraterna. Isso de certa forma ocorre pelo fato de pessoas envolvidas em ações religiosas acreditarem que aquilo que eles praticam será de algum modo disseminado no restante dos indivíduos. Quem nos empresta essa expectativa é Wolman (2002), quando alega que:

A energia psíquica que um grupo proporciona dificilmente pode ser subestimada. Desde cantar em coros de igreja a organizar sindicatos

trabalhistas, a noção de conexão com outras pessoas em um grupo pode ser revigorante, animadora e criar um sentimento de significado e propósito (WOLMAN 2002, p. 244).

Durkheim (2003) buscou esclarecer que a religião difere da ciência por não se comportar como uma depositadora de ideias, mas acima de tudo, todos os ensinamentos da religião são esclarecidos devidamente para formar o espírito do homem religioso. Durkheim ainda conclui que:

A verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência, (...) mas nos fazer agir, nos ajuda a viver. O fiel que comungou com o seu deus (...) é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência para vencê-lo (DURKHEIM, 2003, p. 493).

Durkheim, por traçar suas ideias através da Teoria Funcionalista, acredita que todas as ações sociais devem ter alguma função que contribuam para o coletivo. Daí nasce o sentido de função social da religião, dando explicações, as vezes transcendentais, sobre a existência, o que por sua vez contribui para a formação do mundo social.

Partindo do pressuposto que é a religião que dá sentido à vida, não pretendendo reter esse termo às formas tradicionais que costumamos ver, mas em um sentido de busca do complemento moral, do sentido da existência, ou das forças que comandam o cosmo. Observamos que a religião pretende ensinar as formas de viver-se bem no coletivo, não estamos afirmando que ela garante uma vida sem sofrimento, mas numa vida que saiba lidar tanto com as alegrias, quanto com os desamores causados pela incompreensão do mundo secular que abomina a ideia de Deus, de comunidade, de fraternidade.

### 3. JOVENS, MODERNIDADE E RELIGIÃO

Vista como a fase da vida humana de maior produtividade, a juventude se apresenta como o período em que o ser humano busca a sua autoidentidade, afixando a si valores éticos, morais, afetivos, na qual afloram nesse momento da vida do homem. Por sua vez, esse momento também é marcado pela conturbação de ideias, opiniões de diversas fontes que chegam a afligir o jovem por não saber a quem ouvir e o que ouvir.

Desde o século passado, estudos sobre a juventude como um problema sociológico foi abordado na escola de Chicago, explorando a temática que classifica a juventude como uma “fase da vida humana”, que ganha atribuições na modernidade, significações estas, próprias da geração. Poderíamos até levantar a crítica se nas décadas primeiras do século passado a juventude apresentava-se com tantos problemas ideológicos como temos hoje, o que de fato identificamos é que a auto-representação da juventude como um problema social encontra seu ápice na modernidade, enfatizando-se, assim, a singularidade histórica de uma experiência geracional. (ARIÉS, 1981)

Concordamos com Bourdieu (1983) quando ele salienta que, quando a juventude se reconhece socialmente como tal (inconstante), ela é facilmente manipulada a toda e qualquer ordem, e a única saída seria fugir dessa forma estereotipada e estudarmos as dominações sociais que alienam os jovens. Na verdade, o jovem é analisado, criticado, classificado a partir de como ele pratica as atividades sociais, como: estudar, namorar, trabalhar, e etc., ou seja, essa análise é subordinada através do olhar das formas de exploração e de reprodução que a educação – que por sua vez, exerce forte influência sobre os jovens – delinea os modos de viver do adolescente.

É então, a partir da década de 1990 que as Ciências Sociais produziram estudos sistemáticos sobre essas novas experiências negligenciadas em décadas passadas por não considerarem como eixo fundamental as aspirações pessoais dos jovens, deixando à margem debates sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, drogas que outrora não eram trabalhadas talvez pelo fato de haver um considerável pudor ao tratarem tais temas, como igualmente pelo fato de classificá-los como temas secundários desprovidos de maiores reflexões. Os olhos, nesse momento, estavam voltados para a economia.

Outro tema que está sendo atualmente trabalhado, não imposto, é sobre a temática da religião, analisando como a religião ajuda no processo de formação do jovem. Ressaltamos assim, que o foco de nossa pesquisa destina-se a estudar a presença dos jovens nas igrejas cristãs da cidade de Sumé, e como a religião influencia na vida deles. A escolha de trabalhar com o cristianismo e não com outras religiões se deu pelo fato, como já citado anteriormente, de ser apontada como a religião predominante entre os moradores locais.

Em uma pesquisa realizada em 1997 por Charlot (2001), com jovens das escolas públicas de três regiões da cidade de São Paulo, a respeito das várias formas de saber, constatou-se, através da opinião dos estudantes, materiais que esboçam o perfil dos jovens dessas comunidades. O tipo de saber que foi descrito com maior frequência por eles foi o “respeito ao próximo”, que tomou outras nomenclaturas pelos entrevistados, como “amor ao próximo” e até mesmo “educação para com os semelhantes”. O que nos chamou atenção foi o relato de um aluno entrevistado que compartilha sua própria experiência como fato primordial para viver bem com os seus semelhantes.

O que foi importante aprender foi o respeito, a educação, a convivência com as pessoas (...) Quando eu tinha oito anos, meu pai falou para mim que tinha que respeitar os mais velhos e os amigos. Respeitar para ser respeitado. A educação em primeiro lugar. (CHARLOT, 2001, p.40-1)

Vemos claramente no relato supracitado que o que esse jovem classifica com maior relevância são as experiências ensinadas por seu pai. Em nenhum momento ele cita a importância da escola, não que ele ache desnecessária, mas nessa fase de sua vida, a convivência, o respeito ao próximo, e as instruções de seu pai tem um peso significativo maior, que podemos classificar todas essas instruções como uma forma de religião. Vários textos sociológicos indicam a religião como um conjunto de regras que ajudam o homem em sua vivência social em busca de um bem sobrenatural. Este relato está dentro do contexto a pouco apresentado. Não estamos falando em denominações religiosas, mas no conjunto de regras que ajudam esse jovem na vivência com seus pares.

Comumente vemos jovens participando de cultos religiosos, do entrosamento deles com diversas pastorais. Que a “religião tradicional” está perdendo o seu domínio é

comprovável, mas percebemos que os templos religiosos ainda estão repletos de jovens, as igrejas não estão fadadas ao desaparecimento, o que notamos é que os fiéis leigos estão informados dos acontecimentos, e por isso não estão mais aceitando opiniões prontas, definidas, e como onde há a crítica, também se encontra a dúvida, nasce a indiferença religiosa quanto instituição. É igualmente por esse fato que vemos ocorrer o êxodo religioso para outras igrejas, ocorrido pela não-aceitação de dogmas de determinadas religiões.

Ainda na pesquisa exercida nas escolas de algumas localidades de São Paulo verificamos algumas estimativas do devido tema:

Quanto à religião, percebemos que, mesmo quando não é diretamente mencionada, ela está presente como uma moral de referência para esses jovens. É comum a presença de valores muito próximos àqueles explicitados na doutrina cristã, como nos *Dez Mandamentos*, assim como narrativas que remetem direta ou indiretamente a parábolas bíblicas. (CHARLOT, 2001, p. 45)

Por conseguinte, mesmo de forma indireta, apesar de pouca menção explícita, presenciamos a religião nas referências feitas pelos jovens pesquisados, seja na família, nas formas de comportamentos, e até mesmo nas práticas culturais.

O que pudemos observar então, nesse debate intermitente sobre religião/juventude, é que entre esses dois temas não há **grandes desencontros**, e sim **desencontros dogmáticos**, ou seja, desencontros de tradição, que em sua grande maioria são absorvidos ou aculturados pela resignificação dos rituais em conformidade com esses indivíduos que estão nessa faixa etária da vida humana, que vão às igrejas em busca da espiritualidade e em vista formar opiniões próprias de causa, e por meio de suas experiências com o sagrado buscam um guia que aponte as normas de se viver em sintonia com a sociedade, na escola, como na pesquisa apresentada por Charlot (2001), e no campo socioeconômico como igualmente nos relata Durkheim (2003) e Weber (2000), mas quanto ao tocante assunto, faz-se necessário pesquisá-lo desprovido de todo e quaisquer tipos de preconceito para com os jovens, pois só assim conseguirão entender como eles articulam a religião em sua vivência social.

### 3.1 CONCEITOS SOBRE JUVENTUDE

Conceituar juventude requer situar vários aspectos e características como delimitação da faixa etária, atribuições biológicas, psicológicas, culturais e sociais. Quanto a delimitação do período da juventude, não pode haver um período fixo e inflexível de seu período de início e fim, porque a cultura é uma importante contribuinte para tal demarcação de tempo, mudando em cada sociedade. Quanto a juventude, o que podemos afirmar é que esse período é intermediário entre a infância e a idade adulta, Novaes (2005) a fim de facilitar uma pesquisa realizada com os jovens brasileiros, delimita o tempo cronológico da juventude entre 15 a 24 anos. A idade termina refere-se aos jovens universitários por estarem concluindo suas instruções acadêmicas, como também por se enquadrarem na delimitação da Organização Internacional da Juventude.

Quando se trata das atribuições biológicas, refere-se ao momento de transformação hormonal no qual o adolescente passa. Esse momento é um dos mais delicados na vida deles, todas essas sensações novas causam dúvidas e timidez por ainda não estarem aptos para lidar com tamanhas transformações.

Em conformidade com Azevedo,

Encontramos no latim a palavra *adolescere* significando crescer, brotar, aumentar, assim como o verbo *adolere*, expressando: fazer sacrifício (...) tanto em latim, como em português, o grupo consonantal *sc* produz a ideia de movimento em todas as palavras em que ele se encontra, daí: ascender, descender, crescer.(...) a raiz “do” (*addolecere*), pela origem da palavra latina *dolor*, nos chegou como dor: adoecer, condoer, dodói, indolor, ficar doente (AZEVEDO *apud* SUDBRACK, 1997, p. 192-3).

É o momento onde a crise de identidade aparece, acontecendo pelo fato do jovem não saber lidar com todas as transformações do seu corpo refletindo em suas características psíquicas.

Para explicarmos a visão sociológica sobre o tema, usamo-nos da opinião de Carrano (2003) que em poucas palavras sintetiza a ideia sociológica de juventude. E ele nos diz:

A juventude é entendida como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais (...). Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes (CARRANO, 2003, p. 110).

Ao se remeter a flutuação, Carraro (2003) pretende situar o jovem na modernidade que é marcada sob a força de contrários. Estudiosos desse tema trabalham a fim de chegarem a um consenso, - é claro que o biológico exerce uma relevante influência - nos dias de hoje entende-se que a construção da ideia de juventude acontece por meio de definições sociais, especificados em cada momento histórico, podendo ser assim definida como uma categoria social.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social (...). Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, 7-8).

Ao classificar a juventude como uma categoria social, liberta-a de uma temporização que seria a de 15 a 24 anos e vai além do que se espera não aceitando a juventude como um grupo concreto e estagnado com as mesmas características, sensações e ações. A juventude ao ser liberta por Groppo (2000) lhe instalando como *categoria social*, a afirma como uma concepção, representação, fabricando assim, uma identidade social esboçada pelos próprios jovens a fim de explicarem seus comportamentos e atitudes. É importante refletirmos a importância de categorizar a juventude pelo fato que: é através dela que delimitamos a infância e a idade adulta como um importante marco social de representações na vida dos indivíduos.

### 3.2 A JUVENTUDE SEGUNDO O PARADIGMA CULTURAL

A juventude é um grupo na sociedade bastante diverso, nele se encontram pessoas com personalidades bastante distintas, essa etapa da vida humana é o momento de tomada de decisões onde a cultura contribui bastante emprestando as suas características que normalmente são absolvidas pelos jovens, Para Foracchi (1965), “juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência” (p.302) onde a sociedade impõe as características a estes que ela necessita, porque a própria noção de juventude é uma criação da sociedade moderna. Por esse motivo, faz-se necessário compreender a juventude na expectativa de

compreender os diversos movimentos da sociedade, já que partimos do pressuposto que é a juventude que marca o processo histórico e social de construção da modernidade.

A sociedade moderna, por ser pautada em cima de elementos capitalistas, necessita de consumidores, e sendo os jovens um dos principais consumidores o mercado cria todos os dias novas formas atrativas de entreter esse público. Por sua vez, nos anos de 1950, Kehl (2004) identifica que há uma novidade na identidade da juventude dessa época, além de tomar para si uma característica problemática, inaugura uma fase consumidora em modelo ao modo pós-guerra americano:

Muita da insistência sobre os jovens como consumidores – novo e gigantesco mercado que se abria à venda de Coca-cola, goma de mascar, balas, roupas, cosméticos, acessórios para carros e carros usados – podia ser transmitida, apesar dos tons de escândalo, ao prazer secreto de ver confirmada a filosofia do consumo que representava uma bíblia do bem estar americano (FONTENELLE, 2000, *apud* KEHL, 2004, p. 92-3).

Neste ponto, cabe-nos destacar que, o que de fato a sociedade moderna almeja nos jovens é formar um exército de consumidores destemidos que não se intimidem com preceitos religiosos e morais que regulem suas vontades e prazeres, no qual devem, esses indivíduos, estar desligados de qualquer discurso que remeta ao tradicional e a preponderância. As sociedades culturalmente industrializadas têm como estereótipo as imagens capitalistas, que utilizam-se de propagandas para atingir seu público, composto na maioria de jovens por terem uma acessibilidade a esses meios de comunicação maior que as outras fases da vida humana. Na maioria das vezes, esse público não corresponde financeiramente a todos os apelos do consumismo, daí surgem as diversas movimentações como músicas, danças e estilos de roupas que retratam as vontades dos jovens. Quem melhor explica essa afirmação é Augusto (2005) quando expõem que esse fenômeno acontece porque “a mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória.” (AUGUSTO, 2005, p. 20) Dessa maneira, o jovem está imbuído na construção das novas alternativas sociais, criando tendências no padrão de vida nas diversas camadas da sociedade.

Segundo a ótica sociológica, o jovem é um ser classificado categoricamente como marginal. Isso acontece pelo fato de o jovem está naturalmente caracterizado

como o indivíduo em transformação no qual sua opinião respira sempre anarquismo, não oferecendo equilíbrio humano-afetivo para tomada de decisões. Para Singer (2005), esse perfil é imposto ao jovem, pelo fato de viverem em tempos de “crise social”, crise esta que é a principal característica da sociedade moderna, que é o mesmo que afirmar que a sociedade moderna vive numa situação de instabilidade e falta de expectativa do futuro.

Para melhor implementarmos a noção de risco, buscamos em Mendola (2005) a definição desse termo, que é “entendido como uma interpretação do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos” (MENDOLA, 2005, p. 59), ou seja, o risco se caracteriza na impotência do jovem em vários aspectos sociais como por exemplo quando ele não consegue um bom emprego, ou não consegue se destacar nos estudos, como também, quando se trata da fase de construção da personalidade correndo o risco de não atender às suas expectativas. O jovem dos anos 2000 constrói sua personalidade e projeta seu futuro sob a cultura do risco e a crise que aflige a sociedade moderna cria novos paradigmas de tempo e espaço, dando uma conotação de futuro próximo e curto, para a construção do seu projeto de vida em direção ao aperfeiçoamento à vida adulta.

### 3.3 OS GRUPOS DE JOVENS E A SUA RELEVÂNCIA

Na história da vida humana verificamos que o homem sempre necessitou da convivência com seus pares. A vida é permeada de ideais coletivos, por isso o indivíduo compõe família, cria grupos, agremiações, associações na expectativa de buscar a parceria dos outros componentes da sociedade.

Na fase da adolescência, as relações sociais são de suma importância, formando um conjunto de pares que se denominam como amizade. A amizade é um dos assuntos mais convenientes e debatidos entre os jovens. Na formação de grupos de jovens, seja em associações ou nas igrejas, as relações são disseminadas através da conveniência de cada participante gerando certa afinidade em relação aos seus pares. Segundo Libânio (2004), a vida no grupo seduz o jovem, o impulsiona a praticar as necessidades do grupo, pois os laços sociais dos grupos de jovens permeados pela

amizade entre os convivas são de fundamental importância na constituição do sujeito da categoria juventude.

O grupo promove autonomia ao jovem, implicando sua permanência efetiva nas ações oferecidas. Em muitos momentos, os jovens sentem-se tão a vontade que preferem passar a maioria do seu tempo nessas aglomerações que em qualquer outro ambiente. Isso acontece porque dentro do grupo o jovem se sente útil para alguma tarefa do seu gosto, surgindo, assim, as diversas lideranças e deveres da comunidade. Para Foracchi (1972, p. 27), “nos grupos de jovens há uma forte ênfase da experiência comum, dos valores mútuos, da identificação mútua que vincula estreitamente os jovens à vida grupal”. É a tentativa da vida comunitária, dos sentimentos recíprocos da solidariedade coletiva constituída pela amizade e respeito ao próximo.

Percebemos nos grupos de jovens da modernidade não apenas o apelo comunitário, mas igualmente a necessidade de viver o emocional, de expressar seus sentimentos perante o mundo capitalista. Se por um lado, inicialmente a juventude chamou a atenção pelas suas características consumistas, posteriormente foi percebida a fragilidade e os problemas centrados em si mesmo e na insuficiência dos prazeres capitalistas em suas vidas, daí talvez por causa dessa fragilidade os grupos de jovens vem assumindo um papel de amparo para esses indivíduos.

Ainda, no grupo a dimensão comunitária é quem dita as regras de boa vivência. São os valores comunitários que fazem com que os jovens de forma espontânea abandonem o individualismo capitalista e acolham as contribuições do coletivo. A dimensão comunitária faz parte da religião, que por sua vez traz exemplos de pessoas que viveram o altruísmo, dando assim valores à vida, desenvolvendo valores que contrastam com o individualismo do mundo moderno. O Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB: “Evangelização da juventude. Desafios e perspectivas pastorais” (2007, p. 08) reza que há uma “diversidade de carismas, espiritualidades e pedagogias e uma pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços” na igreja esperando o jovem e suas potencialidades para se reunirem na construção de ocasiões que valorize à vida humana e suas qualidades morais e espirituais. Com isso, a juventude se alterna entre a solidão de suas escolhas e a coletividade de seus atos, buscando na modernidade saídas onde as suas escolhas possam ser partilhadas por todos e auxiliados em suas dificuldades sociais.

## 4 - METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica, foram utilizados alguns recursos metodológicos, com a finalidade de nortear à preparação desse Trabalho de Conclusão de Curso.

O primeiro passo foi a elaboração de um projeto na disciplina de Projeto de Pesquisa, especulando o tema a ser tratado, que ao ser escolhido, traçou-se algumas metas de organização em torno do tempo e da forma de coleta de dados que deveriam ser efetuadas para essa pesquisa.

Em seguida, foi efetuada uma sondagem bibliográfica com o interesse de identificar fontes textuais, especificamente livros e outros trabalhos científicos relacionados à temática abordada, com o propósito de subsidiar o embasamento teórico da referida pesquisa. Depois, foram realizadas leituras em torno do tema Sociologia da Religião, e sobre Juventude, inserindo a leitura de publicações de vários teóricos desses segmentos sociológicos, incluindo clássicos da Sociologia e comentadores, para só depois dessa etapa realizar a pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, que por meio dessa sondagem foram escritas nas páginas teorias que compõe esse trabalho.

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

O presente trabalho tem como característica o tipo exploratório com abordagem qualitativa, através de técnicas de análise de discurso do sujeito coletivo auxiliado por instrumentos em forma de questionário.

Segundo Gil (2002), quando o pesquisador exerce o estudo de campo ele tem como meta principal o aperfeiçoamento de ideias ou de descobertas de intuições, sendo bastante flexível possibilitando o estudo dos mais variados casos.

Ainda em conformidade com Gil (2002), no estudo de campo o pesquisador realiza o seu trabalho pessoalmente, pois esse tem que ter uma experiência direta com a situação estudada, tendo também que passar um maior tempo inserido na comunidade para poder observar a realidade e entender o contexto social que reagem o grupo estudado.

Por sua vez, o Sujeito Coletivo se expressa, então, através de um discurso emitido no que poderia chamar de primeira pessoa (coletiva) do singular. Trata-se de um “eu sintático” que, ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse “eu” fala pela e em nome de uma coletividade. Partindo-se do suposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre uma dado tema, o Discurso do Sujeito Coletivo visa dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000).

Após a coleta dos dados nos questionários, foram organizados e agrupados no qual passaram por uma análise qualitativa, analisados e interpretados segundo os objetivos da pesquisa.

#### 4.2 LOCAL DE ESTUDO

O presente estudo realizou-se na Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, no município de Sumé-PB.

#### 4.3- POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população pesquisada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz seguiu o critério de acessibilidade e os pesquisados foram os alunos de Sociologia do Ensino Médio, no qual foi escolhido uma pequena amostra dos três anos do Ensino Médio de na média dez alunos por ano. Esse nosso critério foi esboçado a fim de obter uma parcial do caso estudado, por isso optamos escolher apenas o número de dez integrantes por ano. O nosso critério de escolha ocorreu pelo fato de ser o local onde se concentram o maior número de jovens na cidade como também pelo fato deles estarem imbuídos com os estudos a fim de atender um dos nossos objetivos específicos. Além do mais, percebemos que seria melhor colher esses dados em um “ambiente laico” para não haver nenhuma interpretação tendenciosa pelo fato de não conseguirmos atender a todas as denominações cristãs religiosas.

A seleção desses alunos aconteceu de forma aleatória, que tivemos como intuito, não propiciar uma escolha tendenciosa do caso analisado, que, por conseguinte, por parte dos pesquisados deve-se haver uma aceitação espontânea de participar do estudo, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A amostra selecionada inicialmente foi de 30 alunos do Ensino Médio. Contudo, na fase de coleta de dados foi possível apenas aplicar 28 questionários, o que contabiliza a amostra utilizada nesta pesquisa.

#### 4.4 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados ocorreu em dois momentos. Num primeiro momento na escola, inicialmente foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento aos alunos que aceitaram fazer parte da pesquisa, tendo em vista que maioria dos alunos é adolescente. Assim, foi necessária a autorização de seus responsáveis, só sendo possível a aplicação do questionário quando os alunos trouxeram as respectivas assinaturas. É importante deixar claro que, dos trinta termos enviados aos representantes, dois não concordaram em responder o questionário, e como está escrito no termo de consentimento livre e esclarecido no qual encontra-se uma cópia nos anexos desse trabalho, “os alunos são livres para interromper sua participação quando quiserem”, e assim a pesquisa foi realizada apenas com 28 componentes. No segundo momento, foi recolhido o termo de aceitação e consentimento, foi realizada a leitura do questionário, apresentando as devidas explicações quanto ao seu preenchimento e realizou-se a aplicação dos questionários de forma individual na sala de aula, onde a duração de aplicação dependeu do desempenho de cada pesquisado.

#### 4.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta fase, os dados coletados dos jovens entrevistados foram listados, agrupados em categorias, tratados com o auxílio de aplicativos da informática e apresentados em forma de gráficos.

Esse momento sofreu decomposição em blocos de significados que permitiu a construção das categorias empíricas de análise. Em todo o processo de análise e

discussão, o material empírico foi devidamente relacionado à literatura pertinente para respaldar na discussão, como nos sugere Lefèvre & Lefèvre (2000).

#### 4.6 POSICIONAMENTOS ÉTICO DA PESQUISA

No desenvolvimento desta pesquisa foram observadas as normas éticas determinadas na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, que dispõe sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa com Seres Humanos, publicado pelo Conselho Nacional de Saúde, e nos casos dos estudantes preservarmos o anonimato dos participantes, assim como sua autonomia no que se refere no Consentimento Livre e Esclarecido e respeito à vida do pesquisado.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 A CONCEPÇÃO DE RELIGIÃO DOS JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ

Esta etapa do trabalho se detém a analisar e discutir do modo que os alunos do ensino médio da Escola Professor José Gonçalves do município de Sumé - PB caracterizam suas experiências religiosas em forma de questionário no qual está anexado a este trabalho, salvaguardando a concepção de religião e de suas vivências na comunidade sumeense, verificando grau de participação nas igrejas cristãs que compõem o universo religioso da cidade. O questionário dispõe de 16 questões, mas entre elas 02 que necessitavam da opinião escrita dos participantes, e procurou atender a uma pequena amostra do ensino médio dessa escola, na busca pela compreensão dos alunos a respeito do tema mencionado.

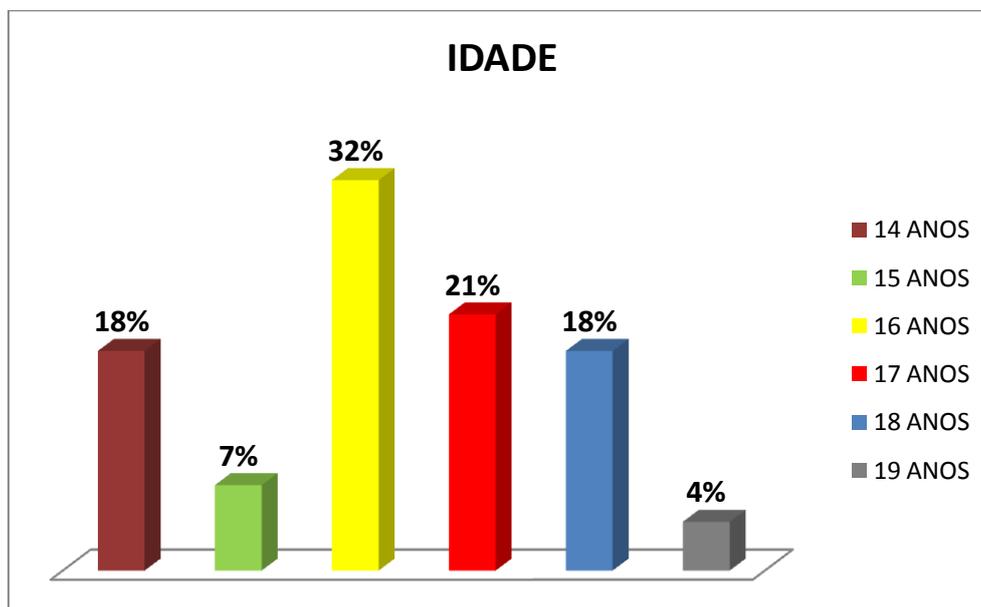
Assim sendo, podemos situar a introdução do tema religião nas análises sobre juventude num alargamento dessa faixa etária que para muitos pensadores é encarado como “categoria social” (GROPPO, 2000), que vive em transição e na construção de uma maturidade consequente das experiências empíricas, Segundo Melucci,

Os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos da vida são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou transformações uma característica estável da vida do indivíduo. O desenvolvimento é visto numa perspectiva de construção contínua, em que a cada fase que se vive não se perde nada daquilo que foi acumulado no percurso (...) assim, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a meta única da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude (...) um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo do curso da vida. (MELUCCI, 2001, p. 18)

Exemplifica então Melucci, que o desenvolvimento humano é como uma espiral que não passa de um conjunto de experiências no qual vamos vivenciando e acumulando e que não vamos anulando ao passar das fases na nossa vida, mas que é acrescida ao longo dos anos. É claro que Melucci entende a fase juvenil e sabe que há sim, momentos de crise, mas ele faz essa colocação na tentativa de fugir da auto-classificação da juventude em uma dimensão unilateral que existe unicamente para servir-se de base para a idade adulta.

O conjunto do todo dos trabalhos que formam o campo de estudo sobre “juventude e religião” trazem análises interpretativas da juventude em seus aspectos gerais que compreende a postura do “ser jovem”, no qual acrescenta a esta nova área do estudo questões indispensáveis sobre a religião, levantando questões como: o papel da religião na modernidade, o público que ela atinge, e as metodologias com que a religião usa para se relacionar com a juventude atual.

Como já mencionamos anteriormente, há uma discrepância quanto a temporização do período da juventude. Segundo a Organização Internacional da Juventude, o período se concentra entre os 15 ao 24 anos da vida do indivíduo. Na tentativa de facilitar a sua pesquisa: “Perfil da Juventude brasileira” Novaes (2005) adota essa delimitação no seu tratamento de dados. Nesta pesquisa verificamos que os alunos do ensino médio se enquadram nessa faixa etária dos 14 anos (não se encaixando no quadro demonstrativo da Organização Internacional da Juventude) aos 19 anos, sendo que o maior quadro demonstrativo aparece nos alunos de 16 anos, somando 32% como aparece no primeiro gráfico.



**Gráfico 1.** Idade dos pesquisados. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

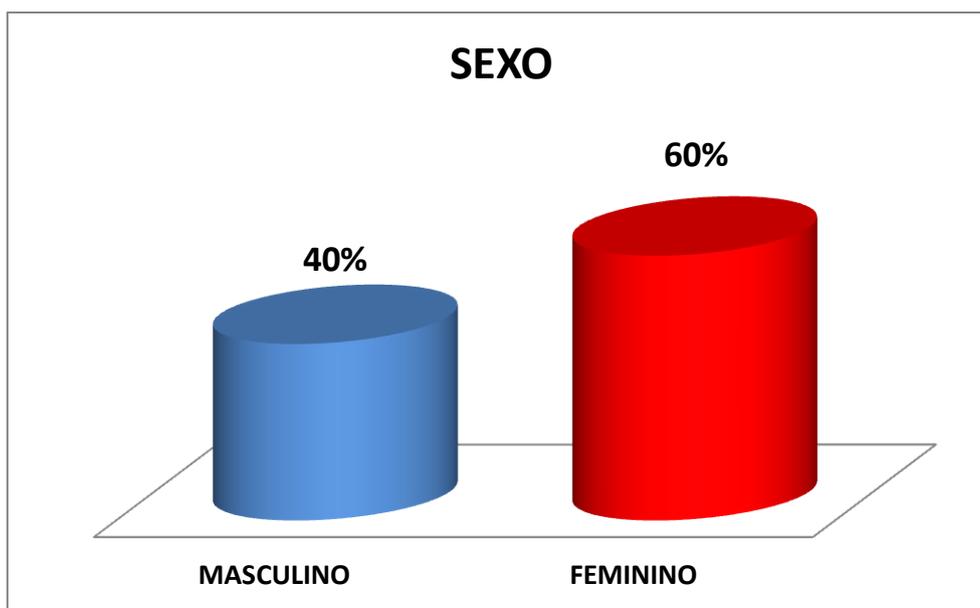
Entendemos nesse quadro demonstrativo que os alunos da pesquisa representam o esperado, os quais encontram-se numa diversidade de faixa etária própria dos três anos do ensino médio, levando em conta a repetência de alguns deles,

mostrando uma porcentagem baixa dos alunos que já deveriam ter concluído o Ensino Médio de 4% representando os alunos de 19 anos.

É importante apresentarmos esse gráfico, pois assim atestamos o que Fabrinni e Melucci (1992) analisaram, compreendendo a adolescência como um momento da vida que não se detém unicamente a uma determinada idade biológica, mas que alguns traços característicos podem ser apresentados em outros estágios da maturação. Um exemplo do que estamos comentando se materializa nesses alunos de 19 anos que segundo as construções cognitivas já deveriam estar em um próximo estágio da vida que não fosse o ensino médio, mas por algum motivo de cunho pessoal ou familiar ainda estão recebendo as contribuições da educação básica. Para entendermos então esses estudantes é preciso nos aproximar o máximo possível de suas diversas dimensões. Quem melhor nos auxilia nessa averiguação é Dayrell (1996, p. 140) afirmando que

Uma outra forma de compreender esses jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos socioculturais. Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios.

Quanto ao sexo dos participantes, achamos conveniente destacarmos, tendo em vista que a escolha desses participantes aconteceu por meio da consulta de cada um, referente a colaboração da formulação da pesquisa, e verificamos que dos 28 alunos que se ofereceram participar, 11 são masculinos e 17 femininos, somando o resultado porcentual como nos mostra o gráfico a seguir. É importante levarmos em consideração que normalmente o público masculino se mostra mais inibido e presenciamos o mesmo fato quando se trata da participação do público masculino nas atividades religiosas, que mais adiante iremos tratar. Vejamos o gráfico 2:



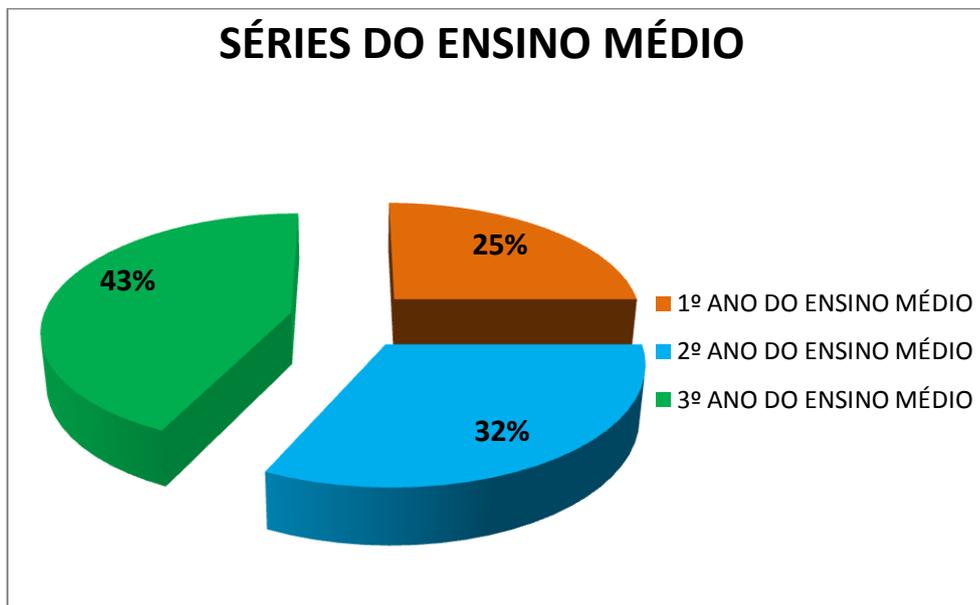
**Gráfico 2.** Sexo dos pesquisados. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Do mesmo modo, notamos que o público feminino é maior que o masculino nas igrejas cristãs. Nos diversos cultos religiosos, a presença das mulheres é notoriamente percebida, assim como em algumas repartições públicas, nesse caso a escola analisada.

Outro ponto pautado na pesquisa dá-se em torno dos três anos do ensino médio, onde esses alunos entre 14 e 19 anos se inserem. O campo escolar na vida dos jovens é de suma importância, e não nos referimos apenas pelo fato de lá eles encontrarem conteúdos e fórmulas para futuras profissões, mas, além disso, encontra-se a vivência e a experiência com os demais do grupo juventude. A escola nem sempre compreende o ser jovem, obrigando-o a cumprir uma carga horária enfadonha e a estudar assuntos que não são do seu agrado, ou seja, a principal preocupação da escola repousa na ordem e na disciplina.

Mesmo assim, os alunos encontram momentos em que podem trocar experiências com seus colegas, seja nas salas de aula ou no ambiente recreativo. É sempre na escola que acontecem ou que afloram os principais momentos da vida social dos adolescentes, e também é sempre na escola que ocorrem as primeiras experiências amorosas como o primeiro namoro, as primeiras divergências como discussões que defendem pontos de vistas opostos, e a formulação da personalidade quando os conteúdos apontam temas como política, cidadania, meio ambiente e religião. No

gráfico a seguir vemos um panorama quanto ao perfil dos três anos do ensino médio, e o grau crescente com que cada ano se expressa.



**Gráfico 3.** Séries do ensino médio. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

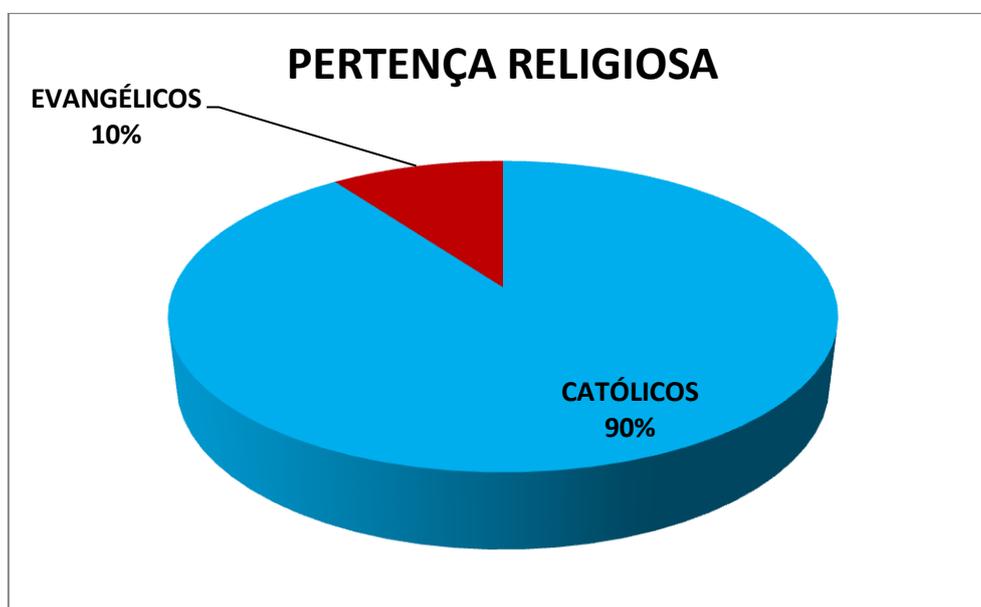
Notamos que nas turmas pesquisadas havia uma ascensão no número de integrantes, compreendendo as turmas do 1º ano com um número menor de componentes ascendendo às turmas do 2º ano e do 3º, no gráfico, percebemos essa distinta porcentagem calculada diante do número total de integrantes de cada série.

A análise a seguir exibirá os resultados das opiniões individuais dos alunos a respeito do nosso enfoque principal – juventude & religião – onde começaremos levantando os dados a respeito da pertença religiosa deles, para a partir desse momento fundamentarmos o material recolhido.

Os primeiros estímulos religiosos sempre são percebidos inicialmente na família, e a base religiosa: os costumes e ritos e as festas são introduzidos na vida das crianças logo quando elas nascem. Augusto (2005, p. 24) argumenta que “o futuro possível [do jovem] depende dos processos em curso na sociedade inclusiva e da posição ocupada pelo jovem na família,” ou seja, a autora pretende afirmar que o futuro do jovem fica cada vez mais difícil quando ele não leva em conta a base familiar que é permeada do religioso. Dessa forma, a pertença religiosa se configura na tentativa de

futuramente conseguir o espaço de estabilidade social. Conforme Novaes (2005), o futuro que espera os jovens é marcado pelas dificuldades de inserção social, levando preponderantemente para as drogas, ao alcoolismo e à prostituição. Nessa situação, a busca religiosa passa a ser o refúgio, a alternativa, a fuga dos perigos devastadores na modernidade. Assim, a construção de um projeto de vida ancorado na religião passa a ser visto como um projeto divino, como uma vida futura cheia de alegria, de bons acontecimentos e provavelmente de discernimentos.

O público que nós analisamos expressa claramente a importância da religião como a base da construção social em sua vida futura, o gráfico a seguir mostra a pertença religiosa dos participantes:



**Gráfico 4.** Pertença religiosa dos pesquisados. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Sumé, por se localizar em uma região onde as antigas tradições encontram-se muito presentes, ainda influencia bastante quanto à pertença religiosa. Os nossos estudos mostram-se adequados quanto a esses números, e por mais que nossa amostra seja pequena, no Censo de 2010 (IBGE), Sumé retrata-se como a cidade no Cariri paraibano que representa a maior porcentagem de católicos, somando igualmente a nossa pesquisa 90% dos habitantes e apenas 10% evangélicos.

O Brasil, por ser considerado o país com maior número de católicos e conseqüentemente o Estado da Paraíba um dos mais católicos do Nordeste (IBGE, 2010), não seria de grande espanto se tivéssemos esses resultados dos dados, mas a

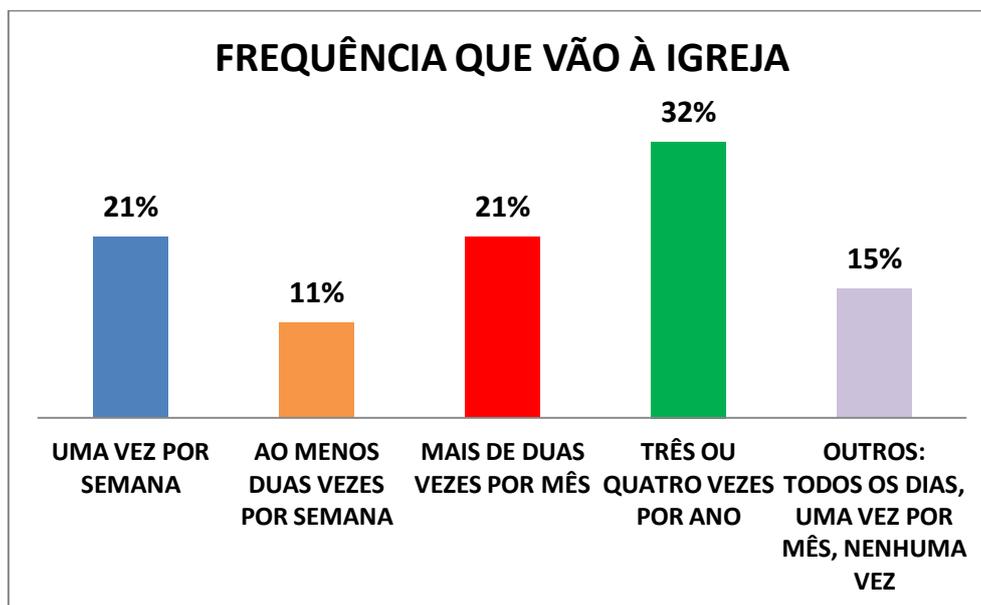
nossa pesquisa não se articula em torno das denominações religiosas, e sim em torno da participação dos jovens nas igrejas cristãs, somando assim católicos e evangélicos. Por conseguinte, invés dos resultados da pesquisa separar o grupo dos católicos dos evangélicos, é perceptível que a base religiosa foi devidamente suplantada em todos os jovens pesquisados.

Outro assunto analisado nessa pesquisa levanta especulações quanto a frequência que os jovens vão aos templos religiosos. Segundo Durkheim (2003) as igrejas são frutos da religião, e para ele o templo religioso é o lugar onde se materializam as ações religiosas. Durkheim considera impensável a ideia de religião sem igreja. A religião é um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, práticas essas que congregam os fiéis em uma única comunidade de fé. Dessa forma, medirmos o grau de frequência do público jovem mostrou-se necessário para entendermos a rotina religiosa na qual eles praticam, considerada como “sistema solidário de crenças”

Percebemos nos dados extraídos sobre a frequência dos jovens uma proximidade entre as respostas dos alunos das três séries do ensino médio, entre aqueles que participam mais e menos vezes não fugindo das estimativas esperadas, e mais, consideramos que os jovens participam dos cultos religiosos com maior frequência nas principais datas festivas do ano, pois 32% dos participantes, afirmaram que iam à igreja três ou quatro vezes por ano, concluindo assim, que estas vezes seriam as festas mais importantes do calendário litúrgico.

É importante considerarmos as peculiaridades do tempo presente e notarmos que a religião vai achando seus sentidos de manifestar-se levando em consideração a cultura do momento, os jovens estão imbuídos em outras atividades que não estão no campo religioso, muitos jovens nos finais de semana estão voltados às práticas esportivas, outros participando de movimentos culturais, não necessariamente sendo de costume a participação dos jovens semanalmente ou diariamente nas instituições religiosas. Além do mais, eles tem a consciência que a igreja - o templo - é o local de encontro da comunidade, mas, da mesma forma interpretam que o fazer parte de uma religião compreende-se como a ligação, a sintonia com o divino, por meio da oração pessoal e da prática do bem na sociedade. Entenderemos melhor tais aspectos quando mais a frente apresentarmos a frequência das orações, enquanto isso analisemos a

respostas dos participantes da pesquisa referente a participação deles nas igrejas como mostra o gráfico.



**Gráfico 5.** Frequência com que os participantes vão a igreja. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Compreendendo que as religiões cristãs tomam o domingo como o dia do culto divino por excelência, entendemos que os 21% que participam semanalmente são os jovens que seguem esse preceito, e o público que também representa 21% que participam mais de duas vezes por mês compreendem a necessidade de eles estarem participando da comunidade religiosa, mas que vão esporadicamente. Já o público dos 11% mostra-se o mais assíduo e o menor, levando em conta que o grupo referente a “outros” foi composto pela diversidade de respostas que não compõe uma ideia central dentro do grupo.

Mesclando-se com os 15%, entre os que participam todos os dias, os que frequentam uma vez por mês e os que não vão à igreja nenhuma vez. Entendemos que em toda religião, há o grupo dos praticantes e dos com pouca ou nenhuma participação, e ao analisarmos esse gráfico estamos vendo claramente esse grupo distinto e diverso ao mesmo tempo, pois, mesmo os que participam ou não dos cultos litúrgicos consideram-se como adeptos da religião, mesmo o participante que respondeu que não vai à igreja nenhuma vez (somando o número de um único participante), mostrou ter uma pertença religiosa, mas que não mostra o hábito de ir à igreja. Portanto, o que compreendemos

nesse gráfico foi que o grupo que se mostra assíduo ao culto é o menor, mas que em média todos os jovens buscam ao menos uma vez por ano a confraternização religiosa (com exceção de um participante) com os demais membros, praticantes ou não, os jovens da atualidade se mostram sensíveis ao aspecto religioso para a sua formação.

Outro aspecto relevante e que merece atenção diz respeito com quem o jovem prefere ir aos cultos religiosos. Sabemos que houve diversos embates no campo antropológico concluindo que o ser humano é um “ser sociável” e que necessita da presença do outro para construir sua própria ideia do eu. Sendo assim, a importância do grupo, da comunidade das amizades, como já teorizamos no ponto “Os grupos de jovens e sua relevância”, verificamos que o jovem prefere participar das cerimônias religiosas acompanhado por alguém, como demonstra-se abaixo.



**Gráfico 6.** Com quem costuma ir a igreja. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Embora estejamos num contexto de individualismo, a pesquisa constatou que o jovem necessita de pares que compartilhem as suas sensações, nesse caso a companhia de alguém em locais como a igreja aonde se vai partilhar sensações de bem estar. Esse sentimento de partilha é claramente percebido por Foracchi (1972) quando ele afirma que a reciprocidade está presente nos grupos.

Dessa forma, 14% dos questionados preferem ir a igreja só, esses, buscam uma forma mais individual, enquanto 86% dos participantes divergem dessa postura afirmando que preferem ir à igreja acompanhados por alguém, somando mais 14% dos que vão acompanhados pelo namorado ou namorada, e 32% que preferem ir com os amigos, e aqui percebemos que existe uma articulação no grupo dos jovens, uma cooperação entre amigos que fazem eles partilharem das mesmas experiências religiosas sentindo-se a vontade por estarem acompanhados por colegas com a faixa etária semelhantes as suas. Mas a porcentagem maior repousa sobre os familiares, somando 40% dos jovens que vão à igreja acompanhados pelos pais ou familiares mais próximos.

É notória a força que a família tem em criar hábitos e rotinas como, por exemplo, o costume dos pais levarem os seus filhos quando criança à igreja, e esse mesmo hábito prolongasse à fase jovem. Subsequentemente, a família, na figura magna de seus representantes (comumente os pais) elencam fatores que são relevantes para a vida de seus componentes, apresentando num grau de ordem decrescente em primeiro lugar a religião, seguido do trabalho que é tido como a consequência dos estudos, depois os amigos, o namoro e por último os esportes, a fim de afirmar que é a religião que rege os costumes vividos na família, sendo os pais os principais portadores e transmissores dessa cultura, evidenciando-se, assim, o perfil de uma juventude que reconhece nos espaços a reprodução tradicional dos valores e costumes da família pelo simples ato de acompanhar seus pais e parentes próximos aos cultos religiosos.

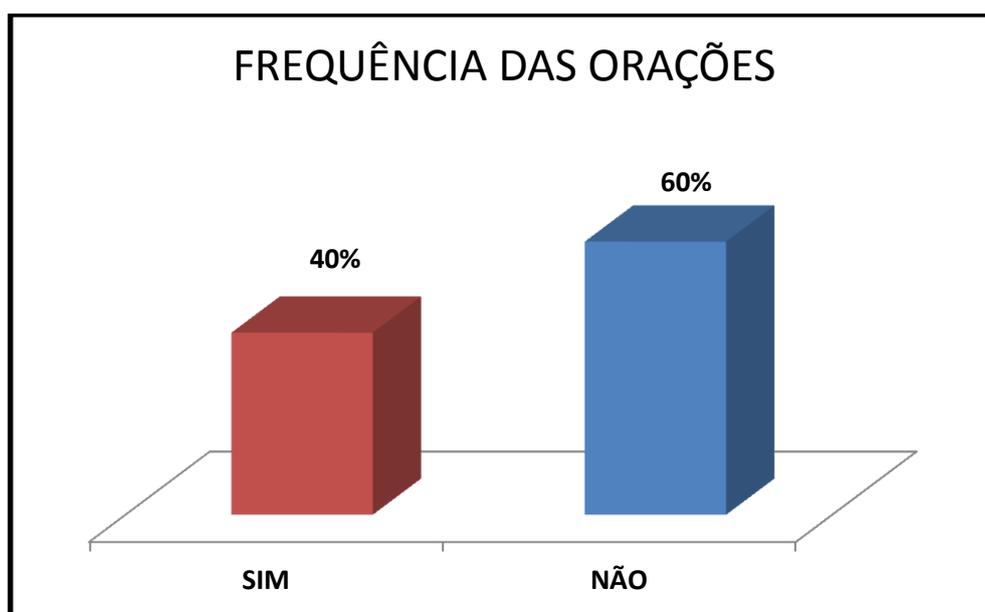
O aspecto fundamental da religião é o gosto pela oração, a religião deve inculcar em seus adeptos o prazer, a necessidade de rezar, a exemplo de muitos santos que viveram uma vida austera, alegavam que a oração era a forma mais acessível de estar na presença de Deus, já outros alegavam que a oração se realiza na prática do bem. Dessa forma, a vida de oração se expressa através das ações que a sociedade propõe, e é nítido também que os imbuídos em grupos exercem uma forma orante voltada ao próximo, não rejeitando a dimensão individual, mas dando mais fôlego à dinâmica religiosa.

Malinowski em sua obra “Magia, ciência e religião” (1988) ao referir-se à magia, alega que tanto a magia quanto a religião resultam de situações de tensão emocional, como: crises, alegrias, morte e necessidades espirituais. A magia para Malinowski é

uma arte prática constituída por atos que são apenas meios para um fim objetivo que se espera vir a desenrolar posteriormente; religião como um conjunto de atos independentes que constituem por si próprios a realização da sua finalidade (MALINOWSKI, 1988, p. 90).

Portanto, a magia tem como função cultural ritualizar, oficializar as necessidades do homem e enaltecer a fé sobrepondo-a ao medo. Fazendo essa ponte ao mundo moderno, concluímos que a oração exerce o mesmo papel da magia, onde ambas buscam o mesmo sentido espiritual de fortaleza perante as adversidades da vida, logrando a confiança em relação a dúvida, do otimismo em relação ao pessimismo, e da coragem em direção ao medo, assim, a magia, como também a oração, tem a função de difundir esperança e otimismo na vida de seus adeptos, nesse caso os jovens.

No gráfico a seguir, encontraremos os números que expressam o costume dos jovens em praticarem o ato da oração:



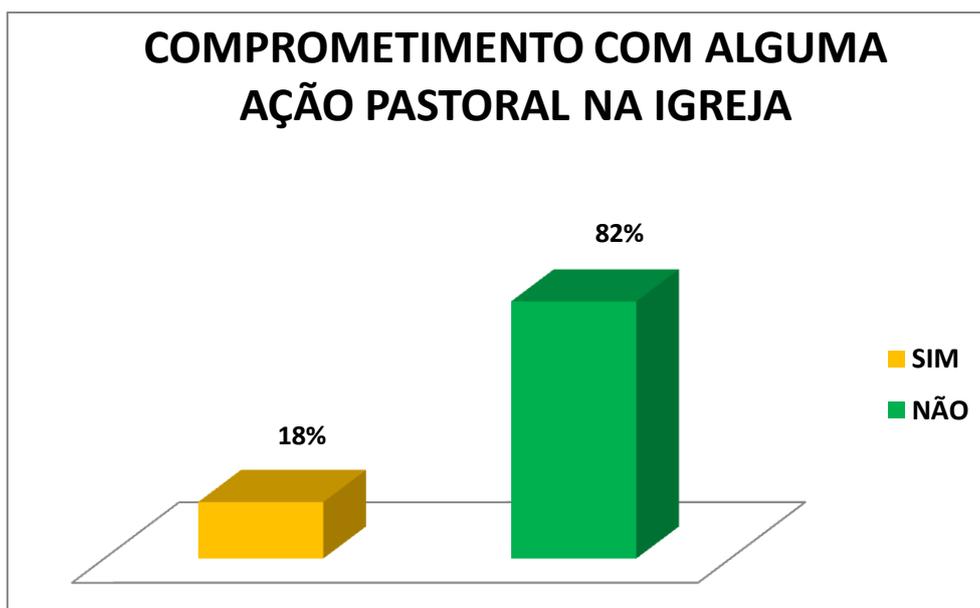
**Gráfico 7.** Frequência das orações dos pesquisados. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

A diferença de 20% que separam o público dos que costuma rezar, dos que não costumam aponta uma razoável diferença. No grupo dos que afirmaram (40%), 07 dos 12 participantes concluíram que tem o hábito de fazer oração diariamente, outros 04 do mesmo grupo alegam rezarem raramente, e apenas 01 dos indivíduos diz fazer oração semanalmente.

Observando esse quadro, concluímos que a prática da oração pessoal entre os jovens não é tão assídua como nos membros do grupo adulto, mas que em nenhum momento presume-se que os jovens não tenham temor ou confiança em Deus, na pesquisa realizada por Regina Novaes (2005) com jovens do Brasil, entrevistando 3.501 componentes por todo o país, sendo um dos assuntos mais ressaltantes o tema religião, frisando eles a religião como instituição fundamental para a sociedade, destacando-se como valor mais relevante o “temor a Deus”. No entanto, é importante esclarecermos que mesmo esses 60% que não tem uma prática frequente de oração em nossa pesquisa tem o temor a Deus como valor importante, pois se todos os alunos pesquisados mencionaram que pertenciam a uma denominação religiosa, implica dizer que eles acreditam em Deus, e que têm temor ao divino.

Em todas as camadas etárias, a oração tem um valor mais acentuado quando o indivíduo necessita de favores espirituais. Em várias sociedades primitivas, por exemplo, as orações para pedir chuva, lucros agrícolas eram normais, igualmente eram as religiões totêmicas analisadas por Durkheim (2003) quando pediam aos espíritos ancestrais a proteção para as tribos, ou seja, na história das civilizações, a oração se faz presente principalmente nos momentos mais necessários da vida do indivíduo. Igualmente nos dias de hoje, os jovens recorrem à oração quando alguma necessidade espiritual-mágica (MALINOVSKI, 1988), precisa acontecer.

Na pesquisa de Novaes (2005), também foi entendida que 15% dos jovens que faziam parte de algum grupo, 4% faziam parte de grupos das igrejas. Em nossa pesquisa essa pergunta também foi feita e nossos dados também não se distanciaram dos colhidos por Novaes. Entendemos que é muito importante para a juventude o encontro com seus pares, a partilha de experiências e a vontade de realizar ações que os engrandeçam (FORACCHI, 1972), é espontânea, o universo dos jovens é marcado pelo desejo do imediato, e nos grupos religiosos esse desejo é alcançado. Além do mais, a sensação de se sentir útil é gratificante para estes que constroem suas identidades futuras. Por esse motivo, os jovens buscam inserir-se em tais grupos que lhes garantem valores, que consequentemente influenciam em suas formas de viver. Libânio (2004) compreende que a amizade nascida em tais grupos cria a camaradagem, futuramente transformando em amizades verdadeiras e até mesmo em relações matrimoniais. Vejamos então, quais foram as nossas conclusões referente a participação dos jovens em grupos religiosos.



**Gráfico 8.** Comprometimentos dos pesquisados com ações pastorais. Sumé : UFCG/CDSA 2013.

De acordo com Severino (2001, p. 53), não se é humano fora de um tecido social, este é “o solo de todas as relações, matriz e placenta que nutre toda atividade dos indivíduos”, são as ações sociais que movem o indivíduo da qual são marcadas pela solidariedade, é tanto, que viver em um grupo é inerente do ser humano, não necessariamente um grupo religioso, por isso que não encaramos como negativo o resultado do gráfico acima. Apenas 18% dos questionados afirmam exercer alguma função pastoral nas igrejas cristãs, sendo que 02 dos componentes participam de grupos de canto; 01 em organizações de comemoração de festas litúrgicas (festa de padroeiros); um outro que faz parte do grupo do Terço dos Homens, e um último que realiza visitas, somando o número de 05 jovens imbuídos em práticas pastorais, enquanto 23 jovens (82%) que não têm nenhuma ação pastoral na comunidade religiosa.

O jovem não é obrigado a fazer parte de algum movimento religioso, e mais, o enfoque desse trabalho repousa na participação dos jovens nas igrejas cristãos, e não necessariamente na participação deles em grupos pastorais. Dessa forma, se entendemos que há jovens que fazem parte de outros movimentos, artísticos/culturais, subentende-se que eles também encontraram contribuições do comunitário em outros ambientes que não seja o campo religioso, não fugindo de modo algum da nossa discussão, tendo em vista que grupo é o local onde encontra-se aberturas para trocar e vivenciar

experiências. Quem melhor contribui com esse debate é Albuquerque e Palácios ao relatar que:

Designa-se de grupo de referência aquele no qual o indivíduo é motivado a manter relações. Quando um grupo de relações (...) torna-se um grupo de referência, este passa a desempenhar um papel normativo no comportamento do indivíduo. Vale salientar, ainda, que um grupo normativo tem a função de imprimir aos seus membros valores e normas amplamente compartilhadas pela sociedade (ALBUQUERQUE; PALACIOS, 2004, p. 358).

A religião é uma instituição que estende seus laços a todo o ambiente social, designando-se como um grupo de referência, mas, as ações pastorais não são as únicas formas que os indivíduos - nesse caso os jovens, encontram para desempenhar um papel normativo e produtivo, havendo em outras esferas da sociedade momentos que proporcionem a eles situações igualmente prazerosas e seguras.

É comum ouvirmos na TV pessoas que dizem que a religião mudou seu modo de vida, que pela mediação de representantes das instituições religiosas foram salvos do alcoolismo, das drogas e assim por diante. Nós fizemos essa mesma pergunta aos estudantes do ensino médio, e todos responderam unânimes (100%) que a religião muda a vida dos que dela participam. Se remetendo ao antropólogo Geertz (1989), ele interpela que uma das funções da religião é ajudar os indivíduos nos momentos de sofrimento quando não conseguem dar uma explicação racional perante os fatos (por exemplo, os vícios acima citados) então, não havendo uma explicação para o sofrimento, a religião ajuda-os a conviver com suas limitações, mostrando-se como uma aliada na esperança de mudança de posicionamentos.

Pelo mesmo motivo acima mencionado, entendemos que os jovens questionados não se colocam contra outras pessoas, inclusive seus amigos, por participarem de ações litúrgicas, pois da mesma forma unânime (100%), responderam em outra pergunta, nunca terem sofrido algum tipo de discriminação por terem ido à igreja. O mundo em que vivemos é marcado pelo preconceito, praticando-se o preconceito contra o negro, contra o homossexual, contra o nordestino, contra a mulher e também contra as pessoas distintamente religiosas ou que são assíduos aos cultos litúrgicos, mas em nossa análise, verificamos que os jovens sumeenses (pelo menos o grupo questionado), não mostrou nenhuma postura resistente aos indivíduos que têm o hábito de irem à igreja, pelo contrário, em alguns relatos foram constatados que a

religião é o caminho certo, outros afirmaram sentir-se bem no âmbito religioso, ou ainda que a religião proporciona uma vida feliz aos que dela participam.

Em tudo que o ser humano faz, é esperado o retorno de suas benesses. Dessa forma, entendemos que a escola, por exemplo, não favorece apenas o ambiente do saber, mas articulações onde o jovem tira algum proveito em estar junto com seus pares, sendo normal acontecer experiências inéditas do tipo amorosas. Assim sendo, perguntamos as vantagens que a religião proporciona para os jovens que dela participam, elencando propostas do tipo humano-afetivo; capacidade de melhor comunicação; aumento da popularidade e facilidade para formar namoros na comunidade religiosa e as nossas conclusões sobre o gráfico apresentado abaixo foram:



**Gráfico 9.** Vantagens que a religião proporciona. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Para a nossa surpresa, os jovens questionados encaram como principal vantagem da religião o “amadurecimento humano-afetivo” (60%), seguido da “capacidade de comunicar-se na sociedade” (40%), sendo zero o resultado das demais proposições. Spósito (1997) supõe o momento da juventude como rico em manifestações de sociabilidade, havendo nas formas grupais modos mais expressivos e fluidos. Subtende-se então que os jovens pesquisados buscam outros aspectos como aumento de popularidade e namoros em outros ambientes como na escola que a pouco citamos. Para eles, a igreja é o ambiente que proporciona o amadurecimento humano, é

“O Local” onde se é construída a maioria, maioria esta que se expressa nos sentimentos, nas ações e no trabalho. É o lugar onde se descobre as primeiras vocações, e aqui frisamos vocações nas mais diversas atividades sociais, desde religiosas, políticas, logísticas e familiares, enfatizando a comunicação com a sociedade como ponto mais importante na construção do indivíduo quanto ser social.

Tomando o aspecto da socialização a partir da comunicação com a sociedade que somou 40%, comprovamos a importância que os jovens depositam em comunicar-se com outros indivíduos que não sejam apenas os do seu grupo (escola, esportes, agremiações, igreja). Por esse motivo, em conformidade com Berger e Luckmann (1985) concordamos que a socialização se distingue entre o movimento e a dinamicidade, ou seja, “a socialização humana nunca é completamente conseguida e nunca é totalmente acabada” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 184). É por essa proposição que entendemos a socialização em dois momentos (GOMES, 2006), o primário e o secundário, sendo este primeiro fornecido pela família, e o segundo materializam-se por outras formas externas tendo sua ação continuada em instituições como igreja, e outros grupos com esse cunho formativo. Então a família, a escola e a igreja fornecem as bases da socialização para o jovem, exercendo uma força exterior a esse público que os impulsiona seguir um rumo formativo ao longo da vida.

Conforme Durkheim (2003), as crenças e práticas unem as pessoas numa mesma comunidade. Dessa forma, na sociedade nós partilhamos a vivência de cada indivíduo e fazemos inferências a respeito do comportamento social do próximo. Com efeito, é comum destacarmos pessoas que no plano de suas vidas se sobressaíram e posicionaram-se como destaque para a sociedade, e aqui elencamos tanto pessoas que de algum modo ajudaram para o bem comum de todos, como pessoas que influenciaram de modo negativo aos olhos sociológicos. Classificar pessoas na sociedade como bem vistas ou mal vistas é comum, seja no trabalho, nas repartições públicas e nas igrejas, sempre buscamos a comparação entre essas duas vertentes, e como a religião é eminentemente coletiva (Durkheim, 2003), perguntamos aos alunos da pesquisa se as pessoas que participavam das ações evangelísticas eram bem vistas na comunidade particular de Sumé - PB, e assim constatamos que:



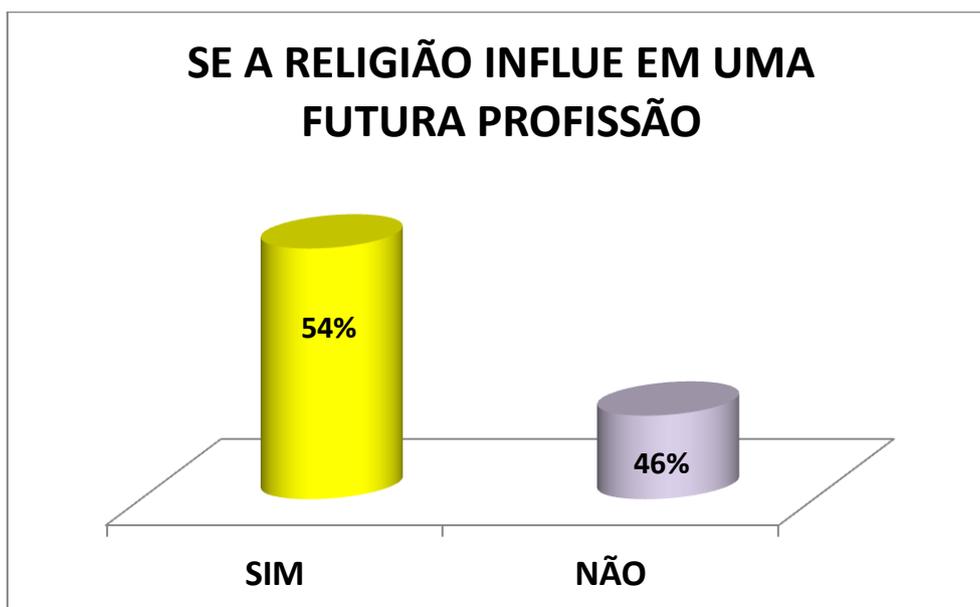
**Gráfico 10.** Se as pessoas que participam dos cultos religiosos são bem vistas na sociedade. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Os jovens ainda veem as pessoas que participam das instituições religiosas como indivíduos quem merecem atenção, e os números dos resultados nos fazem refletir sobre o exemplo dessas pessoas que impulsionam igualmente os jovens na participação das ações religiosas e na comunidade. Essas mesmas pessoas influem quanto ao seu comportamento, inclusive o jovem que participa do corpo litúrgico das instituições religiosas. É então a reciprocidade dos atos que marca a atuação dos indivíduos religiosos na sociedade, onde comumente se espera uma vida pautada nos valores cristãos defendendo a justiça e a liberdade.

A sobrevivência da nossa civilização, dizem os autores da Teoria das Relações Humanas, dependerá da capacidade do homem para criar invenções sociais capazes de aproveitar todas as energias físicas do homem para o uso do construtivo da sociedade. É preciso, pois, mudar, o comportamento das pessoas nas suas relações recíprocas, sem que se restrinja sua liberdade nem se limite o seu potencial de desenvolvimento, para que se aceitem e se respeitem reciprocamente, qualquer que seja sua raça, religião, política ou nacionalidade (CHIAVENATO, 1999, p. 281).

Contudo, o exemplo dos que vivem ações religiosas como regras de conduta influenciam na formação da identidade das pessoas que os cercam.

A profissão para os jovens é a abertura de novas oportunidades, é encarada como a liberdade financeira, o direito de possuir o que almejam e o que necessitam. Vários artifícios como cursos vocacionais, conselhos e a influência dos familiares e amigos assumem um papel relevante aos jovens no momento da escolha da futura profissão, e segundo a descrição do público pesquisado, a religião pode influenciar também na escolha de uma futura profissão, como veremos na amostragem abaixo.



**Gráfico 11.** Se a religião influencia em uma futura profissão. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

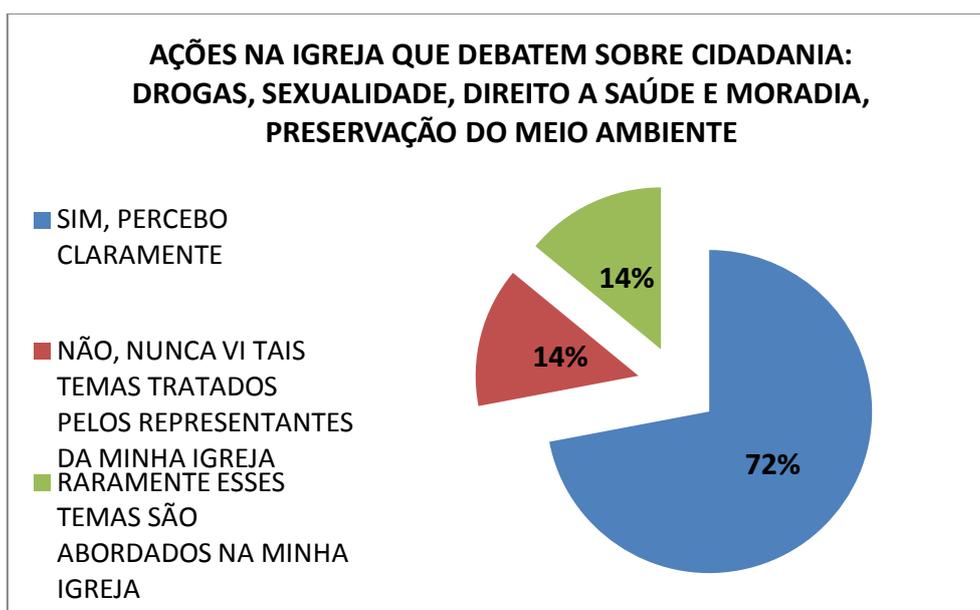
Na nossa análise, buscamos apenas verificar na opinião dos alunos se a religião influenciava na escolha de uma profissão, mas não nos detemos que profissão seria essa. No entanto, o nosso propósito nasce da relevância em saber até que ponto a religião contribui na vida dos jovens, e o que concluímos é que nas mais diversas esferas da vivência humana a religião se mostra recompensada e confluída às diversas práticas cotidianas. Como diria Geertz (1989), a religião não se mostra apenas metafísica, ela exerce uma influência na vida das pessoas, dando direção e pautando comportamentos inclusive na vida profissional.

Dessa forma, os 54% das respostas direcionam nosso raciocínio para a possibilidade que futuramente as igrejas devam desenvolver um papel de auxiliadoras aos jovens em suas escolhas futuras, e dentre elas a profissão. É estranho encarmos a religião como algo voltado ao capitalismo (finanças, lucros), pois na verdade o nosso

trabalho não ganha esse rumo, e o que estamos enfocando seria o despertar dos jovens para às suas devidas vocações. Quem sabe outro trabalho nasça dessa hipótese, a fim de analisar o grau de contribuição da religião para a construção da sociedade capitalista, assunto vigente e de grande interesse nos dias atuais.

O princípio metodológico da igreja em direção aos jovens é de promover debates que despertem nos jovens o interesse pela cidadania. Nesse sentido, para que seja efetivadas práticas nesse âmbito formativo, a igreja em seus diversos discursos deve lograr debates que discorra sobre diversos assuntos como: drogas; sexualidade; prostituição; preservação do meio ambiente e outros assuntos que requerem importância na comunidade local.

Dessa forma, na concepção Freireana, o tornar-se protagonista também se materializa no debate que possibilita a releitura da realidade resultando no engajamento do jovem em práticas políticas em vista da transformação social. Portanto, a escola e a igreja devem desenvolver uma linguagem pedagógica que envolva o jovem conseqüentemente na prática da cidadania, na perspectiva da igreja mostrar seu papel social diante dos acontecimentos da modernidade. Em nossa pesquisa, essa hipótese foi abordada onde para melhor compreensão a transformamos em forma de números.



**Gráfico 12.** Ações na igreja que debatam sobre cidadania. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Presenciamos um discurso considerável de 72% dos questionados alegando que suas igrejas (católica e evangélicas) mantêm uma postura informativa e esclarecedora aos aspectos que compõe a cidadania e 28% subdivididos entre os que afirmam nunca terem visto tais temas sendo abordados e os que já viram, mas muito raramente.

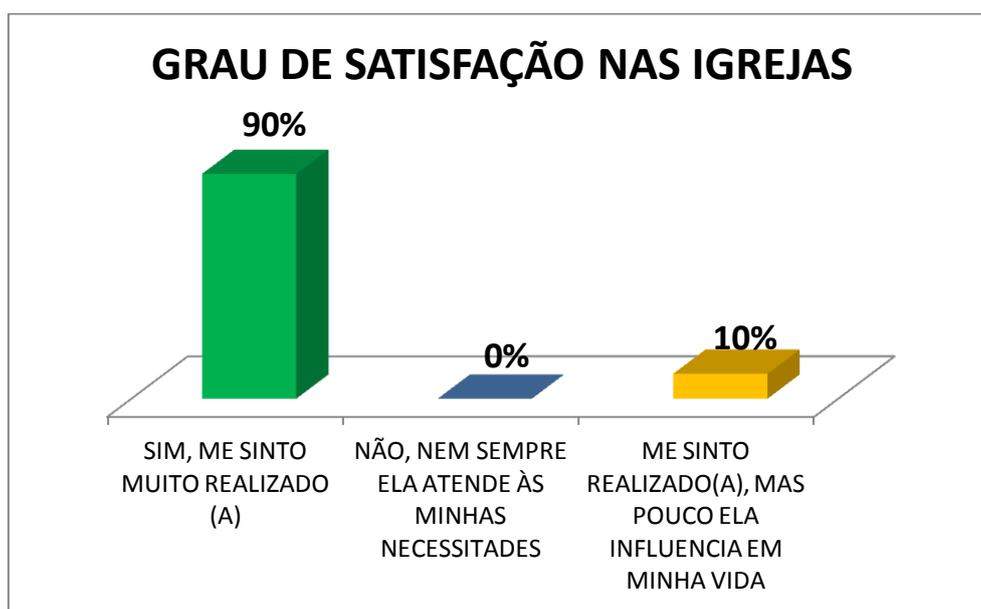
Para o jovem, a igreja é um espaço de sua própria escolha. Este espaço representa a transposição do âmbito familiar, nessa etapa onde ele precisa se sentir identificado com seus pares, é nesse espaço que os jovens exercitam, além da doutrina da fé e dos cumprimentos religiosos, a execução da cidadania, onde em primeiro lugar faz-se necessário receber instruções oferecidas pela família, pela escola e pela religião. A igreja por promover o bem-estar de seus representantes deve se direcionar aos jovens de modo particular e específico através de movimentos juvenis e grupos de orações que cada vez mais busquem conscientizar a juventude dos perigos da modernidade, dando subsídios para que eles possam lidar com a diversidade da atualidade.

É claro que se fôssemos comparar a igreja dos anos 2000 da igreja das décadas antecedentes de 1970, iríamos analisar uma progressão considerável quanto aos assuntos voltados à sexualidade ou drogas. As igrejas perceberam, e com isso comprovamos com vários documentos emitidos pelos órgãos religiosos, como exemplo a própria CNBB (2007), que tratam de diversos assuntos ligados à cidadania e a atuação dos jovens no mundo moderno, destacando a criação de uma consciência histórico-crítica e o aprendizado de uma leitura dialética da sociedade, desempenha um papel de articular o jovem para ser o protagonista de sua própria história, segundo os preceitos evangélicos e os deveres sociais.

Para estarmos bem situados em uma determinada esfera social, é necessário que estejamos realizados psicologicamente em determinada repartição, seja no campo familiar, político ou mesmo religioso, e é comum encontrarmos pessoas que mudam de partido político, de cidade, outros que abandonam a família, e outros que mudam de religião por não se sentir parte de tal comunidade. Dessa forma, no caso da religião, a mudança de credo propicia uma mudança de comportamento que vinha sendo construído desde a infância, é uma mudança brusca que traz bastantes dúvidas. Quando essa situação se remete ao jovem, ele tende a tornar-se um militante radical que defende o seu “clã” a todo custo, idealizando um mundo puritano de particularizar a graça de

Deus, crítica essa feita por Rolim (1998), usando-se da crítica weberiana à religião puritana, que em sua essência abandona a concepção de universalidade da salvação, particularizando a graça divina à apenas um determinado grupo isolado.

Por conseguinte, em nossa pesquisa questionamos se os jovens estavam satisfeitos na religião/ igreja que faziam parte, pedindo que especificassem o porquê de suas respostas. Aferimos então como nos mostra no gráfico a seguir que:



**Gráfico 13.** Grau de satisfação dos pesquisados nas igrejas. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Presenciamos uma porcentagem de 90% dos participantes que alegaram realizados no grupo religioso que participam, e apenas 10% que de certa forma estão realizados, mas que a religião não denota tanta relevância em suas escolhas, e nenhum participante respondeu que estaria de algum modo insatisfeito com sua religião. Rolim *apud* Habermas (1998) explicita que “em seu agir social, os atores individuais e os grupos se orientam segundo os valores; estes se concretizam em objetos culturais e em organizações institucionais” (p. 47), ou seja, as porcentagens mostram que mesmo a religião implicando pouco na vida desses jovens, ela lança valores que no qual esses membros estão animados para se intitular pertencente a uma religião A ou B, pois do contrário, eles não teriam pesar nenhum em dizer que a religião da qual participam não

exerce alguma contribuição em suas vidas ou simplesmente, se caso eles não sentissem essa pertença, naturalmente diriam que não fazem parte de nenhuma instituição religiosa.

Separamos então, as respostas escritas de alguns participantes que destacam o porquê da pertença religiosa deles e o sentido que ela exerce em suas vidas:

Por que você se sente realizado (a) na religião que participa?

*“Porque eu nasci e convivo com essa religião todos os dias”.* (Aluno 2a – 14 anos)

*“Sim, porque desde que nasci sou católico e gosto da religião.”* (Aluna 25c – 18 anos)

*“Porque eu me identifico com ela.”* (Aluno 26c – 17 anos)

Nas respostas desses alunos, é claro que a pertença religiosa deles é herdada do ambiente familiar do qual fazem parte. Percebemos a importante influência da família quando um dos participantes afirma “ser católico desde que nasceu”, ou seja, ninguém nasce com religião, ela é culturalmente construída, e nesse caso, a religião foi transmitida a esse jovem por seus familiares.

Outros participantes deram um cunho transcendental o fato da pertença religiosa, afirmando que sentiam-se realizados por que:

*“Nesta religião eu estou satisfeita, pois Deus é tudo em minha vida, e na minha vida ele sempre está presente.”* (Aluna 4a – 14 anos)

*“Sim, me sinto bem em saber que estou no caminho certo para ir de encontro a Deus.”* (Aluna 18c – 18 anos)

*“Porque me sinto feliz, realizada e mais próxima de Deus.”* (Aluna 24c – 17 anos)

O motivo da busca pela religião é acreditar que existem forças divinas que possam ajudar os fiéis nos acontecimentos cotidianos. Desse modo, a religião personaliza um apelo transcendental, quando, por exemplo, afirma-se estar bem, satisfeito, feliz, realizado por estar perto de Deus.

Por sua vez, por parte dos alunos é aplicado à religião um sentido psicológico, quando relatam sentir-se bem em encontrar paz interior no âmbito religioso e preponderância para viver na sociedade:

*“Porque ela (a religião) proporciona um equilíbrio espiritual, e ajuda na convivência social.”* (Aluno 18c – 18 anos)

*“Sim, pois a minha religião me proporciona prazeres espirituais.”* (Aluno 28c – 18 anos)

*“Sim, porque me traz força e me sinto muito bem quando vou para a igreja, lá esqueço dos problemas e me sinto muito melhor ao sair.”* (Aluna 20c – 17 anos)

Ao detectarmos essas respostas comportando forte carga psicológica, entendemos que os jovens procuram a religião na tentativa de manterem suas autoestimas elevadas, como se na igreja as forças para continuar as tarefas sociais fossem reavivadas. Os salesianos em seu documento Capítulo General Salesiano 23º (1990), especificam que o clima de amizade e estima, o ambiente de acolhida e de confiança e o espírito de família, de alegria e de propostas (promovidos pela igreja) suscitam no jovem a consciência do seu valor e significado como pessoa e mobilizam as suas melhores energias, provocando assim, o sentimento de paz interior e de aproximação com o divino.

Representando os 10% que afirmaram realizados, mas poucos influenciados pela religião destacamos o relato de dois estudantes que mostraram suas opiniões através dessas palavras:

*“Não vejo como a minha religião pode me ajudar nas minhas necessidades.”* (Aluno 9b – 16 anos)

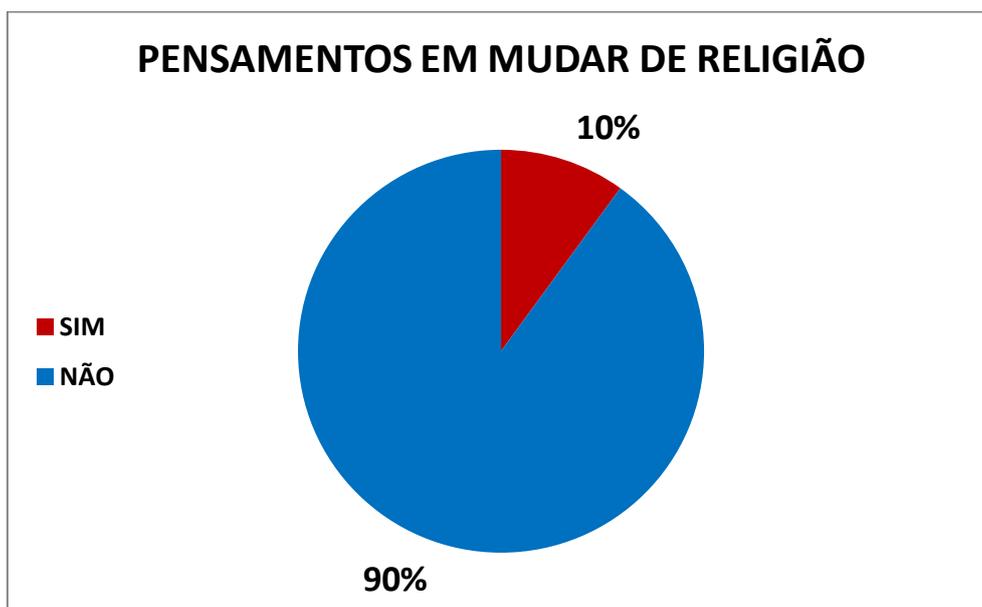
*“Porque eu não frequento muito a igreja.”* (Aluno 22c – 16 anos)

No primeiro caso, esse é um problema do qual as igrejas devem sanar, buscando metodologias que atendam a todos os grupos, criando ambientes e ocasiões onde o jovem possa descobrir sua função no corpo místico da igreja, ambientes esses citados pelos salesianos (1990), e no segundo caso, o desejo de participar deve partir do indivíduo, para que possa identificar o desejo ou não da pertença religiosa desse participante. Não podemos inferir nada a respeito de sua participação, e só nos resta analisar os motivos de sua baixa frequência aos atos litúrgicos.

Concluimos nessa questão, que a maioria dos jovens buscam as instituições religiosas e lá se encontram pela força da tradição familiar; outros porque sentem a necessidade pessoal de estarem em sintonia com o divino; outros por se sentirem num ambiente agradável, próximo dos amigos e aparentados; outros por buscarem equilíbrio

no campo psíquico; e outros que participam, mas que ainda não encontraram o sentido da religião em suas vidas.

A tomada de decisão à mudança é o sinal que o que estamos praticando/participando não está mais atendendo as nossas exigências. Perguntamos ultimamente aos jovens da pesquisa se eles por algum motivo pensaram em mudar de religião, e nossa amostragem foi a seguinte:



**Gráfico 14.** Pensamentos em mudar de religião dos pesquisados. Sumé: UFCG/CDSA, 2013.

Dos alunos questionados, apenas 10% afirmam ter pensado em mudar de religião alguma vez, e a partir dessa resposta perguntamos qual seria a religião e os motivos que os levam a tal mudança. Entre os relatos verificamos as respostas que afirmaram SIM, as que afirmaram NÃO, e as que responderam NÃO, MAS... Para melhor compreensão descrevemos os relatos que sentimos mais relevantes na tentativa de situar a nossa discussão.

Sim, já pensei:

*“Espírita, porque acho interessante.”* (Aluno 2a – 14 anos)

*“Evangélica, porque lá as pessoas são mais solidárias e não há discriminação sobre o que a pessoa faz fora da igreja.” (Aluna 17c – 16 anos)*

Não, nunca pensei:

*“Sou muito feliz em minha religião.” (Aluno 10b – 16anos)*

*“Não, porque tenho muito orgulho e satisfação da minha religião.” (Aluno 26c – 17 anos)*

*“Não, maior parte da minha família é muito católica e já sou muito acostumada com ela, e gosto.” (Aluna 20c – 17 anos)*

Não, mas...

*“Não, mas já visitei igrejas evangélicas.” (Aluna 11b – 17 anos)*

No primeiro grupo de respostas, notamos que os participantes em sua maioria pretenderam ou pretendem fazer uma experiência espiritual nas instituições evangélicas. Entre os jovens, o censo de 2000 revelou uma diminuição daqueles que se declararam católicos (73%) (NOVAES, 2005, p. 265-66). A pesquisa “perfil da juventude brasileira” feita em 2003, analisada por Novaes, aponta uma diminuição, passando a 65% da população jovem. Movimentos como pentecostais e carismáticos nascem no sentido de resgatar esse público através de métodos como músicas alegres, orações coletivas e ações evangelizadoras, no sentido que esses jovens encontrem seu lugar na igreja e tomem gosto pelo trabalho evangelizador. O segundo grupo de algum modo encontra todas essas qualidades e posturas citadas afirmado por alguns, que a religião (católica) faz parte da sua vida e de sua família a muitos anos, e outros ainda, que sentem-se felizes no âmbito religioso que participam, estando satisfeitos com os cultos litúrgicos. Já o terceiro grupo, afirma ter participado de outras igrejas (evangélicas), mas que não pensam em deixar sua fé (católica).

Nesse último estágio então, percebemos as relevantes contribuições da religião na vida dos jovens da Escola Professor José Gonçalves – Sumé/PB, desde a herança religiosa dada pela família, a importância dos grupos e das orações, a importância da participação aos cultos até sua posição consciente de membros de uma determinada religião, destacando o perfil sócio-religioso dos jovens sumeenses e a visão de religião que eles depositam em suas práticas cotidianas.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço religioso é considerado como sendo a dimensão resultante e expressiva das ações humanas em direção ao divino. Ao propormos realizar essa pesquisa, tivemos como objetivo aferir a contribuição da religião para a vida dos jovens e como é a frequência dos jovens da Escola Professor José Gonçalves de Queiroz nas igrejas cristãs de Sumé – PB. Para tal, percorremos um caminho longo buscando embasamento teórico para subsidiar a nossa pesquisa de campo.

Para uma melhor compreensão do nosso debate entre juventude e religião, procuramos manter nosso foco na sociedade atual, como também da posição da religião na modernidade para que, a partir dessa base inserir a temática juventude no contexto. Percebemos que a posição da juventude na atualidade é marcada pela efervescência de ideias progressistas acarretando riscos a esse público como drogas, álcool e outros tantos sintomas da sociedade que encontra-se em desequilíbrio. Portanto, o tema juventude vem despertando na sociedade o interesse de preservação, de cuidados de instrução, se tornando objeto de estudos nas Ciências Sociais, sendo difícil a delimitação do tempo histórico, impossível por causa da pluralidade em que estão mergulhados de generalizá-los como isso ou aquilo, se não podemos identificar a juventude como momento de transição, também não podemos afirmar que é uma fase definitiva, por mais que afirmem os otimistas definindo a juventude como um estado de espírito. O que podemos afirmar é que essa é uma fase da vida onde se concentram várias descobertas, sendo um momento de contrários e inclusive o momento de importância das ações sociais como família, escola e conseqüentemente a religião.

A realidade, portanto, é que os jovens contemporâneos estão se interessando cada vez mais pela religião, conforme pesquisa realizada por Novaes (2005), pelo fato de a religião não ser uma prática encerrada na metafísica (GEERTZ, 1989). Ela atua na vida dos indivíduos dando direcionalidade nas escolhas e no comportamento na sociedade. Outro ponto que merece reflexão diz respeito a dimensão comunitária da religião, que interliga seus participantes levando-os a criar laços de amizade promovidos por grupos de jovens, liturgias integradoras, enfatizando a dinâmica de valores como a solidariedade e o desejo pela justiça e integridade social. Como a religião é “eminente coletiva” (DURKHEIM, 2003), desencadeia em seus participantes, e aqui nos referimos aos jovens, um sistema solidário entre os convivas fazendo com que

todos os integrantes participem dos mesmos sentimentos de alegria, tristeza e esperança dentro da comunidade orante.

Nesse sentido, interpretamos em nossa pesquisa, que os jovens pesquisados tem uma confiança plena na religião, ao afirmarem 100% que a religião pode transformar a vida dos seus participantes. Como mencionamos a pouco, no momento histórico pluralizado onde o jovem se encontra, ele busca em algo a se firmar, e nesses números entendemos que a religião é o campo onde eles buscam essa afirmação. Libânio (2004) vai então alegar que as igrejas criam situações atraentes a esse público como os grupos de jovens com o interesse de a religião reter o máximo esses adolescentes em atividades que deem sentido às suas vidas.

Quanto a frequência com que os jovens praticam atos de oração, enalteçemos 40% dos participantes que afirmam ter uma intimidade com Deus, concluindo o que Novaes (2005) já tinha verificado em sua pesquisa, que o jovem dos dias atuais tem um forte expressão do “temor à Deus”. A oração continuada, a frequência embora baixa às atividades religiosas (32% que representa os que comparecem apenas três ou quatro vezes por ano), e até mesmo a própria pertença religiosa identificam o grau de importância que os alunos pesquisados depositam no poder de Deus.

Contudo, ao longo desse trabalho viemos debatendo a respeito do amadurecimento da identidade do jovem recompensado pelas contribuições da religião. A busca pela dimensão humano-afetiva nas instituições religiosas é um importante exemplo apontado por eles. O próprio relato dos alunos quando afirmam a religião como uma forma de está mais próximo do absoluto (Deus) promovendo o equilíbrio em suas ações cotidianas e a atuação no campo social esboça a identidade de um jovem que através da religião constrói sua personalidade dando significado aos momentos proporcionados pela sociedade.

Quanto o envolvimento dos jovens em ações pastorais, apenas 18% dos jovens afirma participar de alguma pastoral ou movimento religioso. Apesar da cidade de Sumé ser representada como um notável campo religioso no Cariri (IBGE, 2010), os jovens não aparentam, por algum motivo, ser atraídos às ações pastorais. Eles não encontraram uma razão na dinâmica pastoral, destaque este digno de um estudo mais aprofundado, enfocando os motivos que leva-os a ser negligentes com os interesses pastorais das

igrejas. Mas sobre esse assunto, a CNBB (2006), emitiu um documento afirmando que o jovem contemporâneo busca relações mais horizontais e democráticas, rejeitando formas hierárquicas e de autoridade constituída. Essa rejeição, portanto, se apresenta tanto no âmbito político quanto no religioso. Assim, o perfil do jovem pesquisado por nós se enquadra no cenário atual de jovens que creem em Deus, mas que pouco frequentam uma instituição religiosa por não acatar (talvez) as formas hierárquicas próprias de toda religião.

Outro assunto que merece um estudo mais articulado que não possível ser desenvolvido nesse, recai sobre o grau de influência que a religião provoca na escolha de uma futura profissão aos jovens, aferido em 54% das respostas como positivas. Pais (1993) afirma que as informações que nos são dadas em pesquisas não nos dão a realidade dos indivíduos, mas tornam-se igualmente importantes não pelo que elas apenas informam sobre a realidade, mas sobre o que elas informam a respeito de quem opina. Dessa forma, estudos posteriores seriam de grande valia ao apontarem a relevante importância que essa pesquisa exploratória exerceu no campo de estudo com jovens e religião, dando abertura a futuras colocações que especificam momentos que não foram possíveis fazer nessa, ou seja, uma descrição mais detalhada dos fatos.

Portanto, em alguns momentos a pesquisa parece pretender chegar ao não visto, ao pressentido ou ao presumido. Em muitos momentos de nossa pesquisa, verificamos o quanto é necessário a pesquisa de campo. Além do mais, porque ainda é pequeno o número de trabalhos dedicados a perceber como os jovens elaboram situações de vida, formas de socialização e atuação no campo sócio-religioso. A contribuição do CDSA/UFCG na região do cariri proporciona pesquisas nunca realizadas como esta na região, dando abertura para outros estudos que enfoquem a realidade dos fatos criando novas expectativas que abordem conceitos importantes para a vivência social, podendo ser nessa ou em outra área do conhecimento dos indivíduos dessa região.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; PALACIOS, K. E. P. **Grupos e equipes de trabalho nas organizações.** In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt (Orgs.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ARAÚJO, Luiz B. L. **Religião e Modernidade em Habermas.** São Paulo: Loyola, 1996.

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico.** 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

AUGUSTO, Maria H. O. **Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude.** in **Tempo Social**, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, 2005, nov, pp. 11-33.

BERGER, P e LUCKMANN, T. **A construção Social da Realidade.** Editora Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** in: **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°. **Educar a los jóvenes en la fe.** Buenos Aires: Don Bosco Argentina, 1990.

CARNEIRO, Sandra Maria C. S. **Trajetórias espirituais enquanto projeto na modernidade.** São Paulo: UERJ, UFRJ, 1998.

CENPEC; Litteris. **“O jovem, a escola e o saber: uma preocupação social do Brasil.”** in: CHARLOT, B. (org.) **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. Brasília: Edições CNBB, 2007. (Publicações da CNBB-Documento 3).

\_\_\_\_\_. 44ª Assembléia Geral. **Evangelização da Juventude**. Itaici, 2006.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FABRINI, Anna & MELUCCI, Alberto. **L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Goamgiacomo Feltrinelli editore, 1992.

FORACCHI, Maria M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

\_\_\_\_\_. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC Editora S/A, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Jussara. **Família, Escola, Trabalho: Construindo desigualdades e Identidades subalternas**. Trabalho de Livre Docência – USP. São Paulo, 1996.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (Coleção Enfoques).

HÄRING, B. **Força e fraqueza da religião**. Tradução de Antônio Narino e Silva. São Paulo: Herder, 1960.

IBGE (2012) **Censo demográfico brasileiro de 2010**.

JOÃO PAULO II. **A vida fraterna em comunidade**. São Paulo: Paulinas, 1994.  
ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

KEHL, M. R. **A juventude como sintoma da cultura**. in: **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. NOVAES, Regina Reyes; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A. M. C; TEIXEIRA, J. J. V. **O Discurso do Sujeito Coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Educs, 2000.

LIBÂNIO, J. B. **As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Jovens em tempos de pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

MALINOWSKI, B. **Magia, ciência e religião**. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: 70, 1988.

MENDOLA, Salvatore La. **O sentido do risco**. In *Tempo Social*, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, 2005, nov., pp. 59-91.

MELUCCI, Alberto. **Silencio y voz juveniles. Individualidad y compromiso en la experiencia cotidiana de los adolescentes. Vivencia y Convivencia: teoria social para una era de la informacion**. Madri: editorial Trotta, 2001.

NOVAES, Regina. **Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?** In: **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional**. Editora Fundação Perseu Abramo .2005

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

ROLIM, Francisco C. **Dicotomias Religiosas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história.** São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SINGER, Paul. **A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social.** in ABRAMO, Helena W. (org.) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, (2005).

SHATTERNMANN, J. Koinonia. in: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SPÓSITO, Marília P. **Estudos sobre Juventude em Educação.** Revista Brasileira de Educação – ANPED. Nº 5 e 6. São Paulo, 1997.

SUDBRACK, M. A. P. **Escrevendo o adolescer.** in: **Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

TERRIN, A. N. **Estudo comparado das religiões.** Tradução de Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

WEBER, Max. **A Ética do Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 15 ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

WOLMAN, R. **Inteligência Espiritual.** Tradução de Geni Hirata. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a)

Eu, Emerson Neco de Sousa Silva, como aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Faculdade Federal de Campina Grande, pretendo desenvolver uma pesquisa com os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, com o objetivo geral de identificar elementos comprobatórios onde a religião auxilia na construção do jovem quanto indivíduo social, sob a orientação da Profª Ms. Sheylla de Kássia Silva Galvão (pesquisadora responsável).

O(s) motivo(s) que nos leva a estudar o assunto é investigar o grau de contribuição da religião na vida dos jovens da cidade de Sumé-PB. Os dados serão coletados mediante a utilização de um questionário com 16 perguntas, organizadas de forma abertas e fechadas.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. O aluno será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos para o entrevistado. Esclarecemos ainda, que não será disponível nenhuma condensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos, ou, em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

---

Sheylla de Kássia Silva Galvão  
Fone: (83) 3353-1850

### **Consentimento do voluntário (ou do responsável)**

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_,  
Responsável pelo(a) menor \_\_\_\_\_,  
aceito que ele(a) participe desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para o tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

Sumé, \_\_\_\_\_

---

Assinatura do Participante

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Sheylla de Kássia Silva Galvão  
R/ Luiz Grande s/n – Frei Damião, Sumé - PB  
Telefone para contato: (83) 3353-1850  
e-mail: [skgalvão@gmail.com.br](mailto:skgalvão@gmail.com.br)  
Endereço do pesquisador responsável (trabalho): Emerson Neco de Sousa Silva  
R/ Professora Guiomar Coelho, nº40, centro, Sumé - PB  
Telefone para contato: (83) 9921-9057  
e-mail: [emersonneco@yahoo.com.br](mailto:emersonneco@yahoo.com.br)

**APÊNDICE B: Instrumento para coleta de dados****Questionário – Alunos do Ensino Médio**

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Série estudada: \_\_\_\_\_
  
4. Religião: \_\_\_\_\_
  
5. Com que frequência você vai à igreja?
  - a. ( ) Uma vez por semana;
  - b. ( ) Ao menos duas vezes por semana;
  - c. ( ) Mais de duas vezes por mês;
  - d. ( ) Três ou quatro vezes por ano;
  - e. ( ) outros \_\_\_\_\_
  
6. Você costuma ir a Igreja :
  - a. ( ) Só;
  - b. ( ) Acompanhado(a) pelo pai ou a mãe ou outro membro da família;
  - c. ( ) Acompanhado(a) pelo(a) namorado(a);
  - d. ( ) Acompanhado(a) pelos(as) amigos(as);
  
7. Você costuma sempre ler a Bíblia ou fazer orações que enriqueçam sua espiritualidade? Se sim, Com que frequência?
  - a. ( ) SIM \_\_\_\_\_
  - b. ( ) NÃO
  
8. Você faz parte de alguma Pastoral, Grupo de jovens, Ministério de Música, ou alguma reunião em sua igreja? Se sim, indique qual:
  - a. ( ) SIM \_\_\_\_\_
  - b. ( ) NÃO
  
9. Você acredita que a religião pode fazer de você uma pessoa melhor em sua comunidade (família, escola, cidade, etc.)?
  - a. ( ) SIM
  - b. ( ) NÃO
  
10. Dentre essas vantagens abaixo citadas, qual você escolhe como sendo a melhor das que a religião lhe proporciona:
  - a. ( ) Equilíbrio humano-afetivo;
  - b. ( ) Capacidade de melhor comunicação com os demais membros da sociedade;
  - c. ( ) Aumento da popularidade;
  - d. ( ) Facilidade para namoros com demais membros da comunidade religiosa;
  
11. Você já sofreu ou sofre discriminação por participar de ações religiosas?
  - a. ( ) SIM
  - b. ( ) NÃO

12. Em sua opinião, você acha que as pessoas que participam com uma maior frequência de uma determinada religião são apontadas na cidade como pessoas sérias ou responsáveis?

- a.  SIM
- b.  NÃO

13. A religião de algum modo lhe ajuda para a escolha de uma futura profissão?

- a.  SIM
- b.  NÃO

14. Você percebe em sua igreja ações que respondam às necessidades sociais como: *combate às drogas; debates sobre sexualidade; direito a saúde e moradia digna ou preservação do meio ambiente?*

- a.  Sim, percebo claramente;
- b.  Não, nunca vi tais temas tratados pelos representantes da minha igreja;
- c.  Raramente esses temas são abordados na minha igreja;

15. Você se sente realizado(a) na religião que você participa? Por quê?

- a.  Sim, me sinto muito realizado;
- b.  Não, nem sempre ela atende às minhas necessidades;
- c.  Me sinto realizado, mas pouco ela influencia em minha vida.

---

---

---

16. Você já pensou em mudar de religião? Se sim, indique para qual mudaria e porquê.

- a.  SIM : \_\_\_\_\_
- b.  NÃO

---

---

---